

**PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA  
SENHORA DA ASSUNÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
NÚCLEO – LITURGIA**

**FRANCISCO DAS CHAGAS SILVA**

**A PARTICIPAÇÃO DA ASSEMBLÉIA LITÚRGICA NA ORAÇÃO  
EUCARÍSTICA: UM ESTUDO A PARTIR DA ORAÇÃO IV.**

**SÃO PAULO**

**2008**

**PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA  
SENHORA DA ASSUNÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA  
NÚCLEO – LITURGIA**

**FRANCISCO DAS CHAGAS SILVA**

**A PARTICIPAÇÃO DA ASSEMBLÉIA LITÚRGICA  
NA ORAÇÃO EUCARÍSTICA: UM ESTUDO A PARTIR DA ORAÇÃO  
IV.**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso  
de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia  
Faculdade de Teologia Nossa Senhora da  
Assunção, sob a orientação do Prof. Dr.  
Valeriano Santos Costa**

**SÃO PAULO**

**2008**

## Ficha catalográfica

Silva, Francisco das Chagas

A Participação da Assembléia Litúrgica na Oração eucarística:

Um estudo a partir da Oração IV. São Paulo: 2007 – XXp.

Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Teologia.

Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

Orientação: Prof. Dr. Valeriano Santos Costa. Oração

1. Eucarística. 2. Participação 3. Assembléia.

**PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLOGIA  
NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**

**FRANCISCO DAS CHAGAS SILVA**

**A PARTICIPAÇÃO DA ASSEMBLÉIA LITÚRGICA  
NA ORAÇÃO EUCARÍSTICA: UM ESTUDO A PARTIR DA ORAÇÃO  
IV.**

Observações do Orientador:

---

---

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

**Orientador: Prof. Dr. Valeriano Santos Costa.**

## **Dedicatória**

A meus pais, pelo esforço, carinho e compreensão com que me conduziram ao caminho do conhecimento;

A todos aqueles que, me apoiaram e me incentivaram para que eu chegasse até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Ao **Prof. Dr. Valeriano Santos Costa**, pela orientação dedicada ao longo da preparação deste trabalho;

À Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção que me proporcionou a oportunidade de completar meus estudos.

A todos os professores que acompanharam meus estudos ao longo deste curso.

Finalmente, um profundo agradecimento a Deus.

## **EPÍGRAFE**

“O aprendizado nunca termina. Não existe parte da vida que não contenha lições. Se você está vivo, há lições para aprender” (Galileu Galilei).

A medida que o amor progride, mais nos convencemos de que Deus existe e de que a alma é imortal (Dostoiewski).

## RESUMO

A dissertação aprofunda a inesgotável riqueza da Oração Eucarística e a natureza da participação de toda a assembléia litúrgica neste momento central da Missa. Ela sintetiza o sentido profundo do mistério eucarístico. O presidente é a voz da assembléia, e a assembléia está em plena comunhão com o seu presidente na proclamação da solene oração

Para mergulharmos na natureza do “mistério eucarístico”, aprofundamos a Oração Eucarística em geral e nas suas partes. Depois mostramos a riqueza da quarta Oração Eucarística, como exemplar na memória de toda a história da salvação que chega a plenitude com Jesus Cristo, e também abordamos a condição para uma autêntica participação da assembléia no mistério pascal do Senhor.

Encerrando a tese, alertamos sobre a necessidade do presidente e todos os fiéis participantes, à luz do princípio “lex orandi, lex credendi” de assumirem a mistagogia como caminho para penetrar no cerne da Eucaristia, e darem uma “forma eucarística a toda a existência cristã”, como consequência da participação interior e exterior de toda a assembléia na Oração eucarística “centro e cume de toda a celebração”.

**PALAVRAS-CHAVES:** Oração Eucarística. Assembléia Litúrgica. Participação. Presidente. Mistério. Celebração. Aliança. Mistagogia.

## ABSTRACT

The dissertation deepens the inexhaustible richness of the Eucharistic Prayer and the nature of the participation of the whole liturgic assembly at this central moment of the Mass. It summarizes all the faith of the Church. The president is the voice of the assembly, and the assembly is all in the proclamation of its president.

To dive in the nature of the “Eucharistic mystery”, we deepen the Eucharistic Prayer in general and in its parts. After, we show the richness on the fourth Eucharistic Prayer, as to model to all others the focus of the mystery, and we also make it possible for a authentic participation of the assembly in the “pascal” mystery of the Lord.

Finishing the thesis, we alert about the need of the president and all the faithful participants, under the light of the principle “lex orandi, lex credendi”, to assume the “mistagogia” as a way to penetrate in the heart of the Eucharist, and to give an “Eucharistic form to all cristhian existence”, as a consequence of the internal and external participation of the whole assembly in the Eucharistic Prayer, “center and top of all the celebration”.

**KEY WORDS:** Eucharistic Prayer, Liturgic Assembly, Participation, President, Mystery, Celebration, Alliance, Mystagogy.

## LISTA DE ABREVIATURAS

- CD** - Christus Dominus
- CELAM** - Conferência do Episcopado Latino Americano
- CIC** - Catecismo da Igreja Católica.
- CNBB** - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- DV** - *Dei Verbum*
- EAPSSC** - Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*.
- EE** - *Ecclesia de Eucharistia*.
- EM** - *Eucharisticum Mysterium*
- Est.** - Estudos da CNBB
- GS** - *Gaudium et Spes*
- IGMR** - Instrução Geral sobre o Missal Romano.
- LG** - *Lumen Gentium*
- MF** - *Mysterium Fidei*.
- MND** - *Mane Nobiscum Domine*
- MR** - Missal Romano.
- OE** - Oração eucarística.
- OEIII** - Oração eucarística III
- OEIV** - Oração eucarística IV
- PO** - *Presbyterorum Ordinis*
- SC** - *Sacrosanctum Concilium*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I – A ORAÇÃO EUCARÍSTICA E SUA NATUREZA</b>	<b>14</b>
.....	
1.1 – O sentido da Oração eucarística em seu Conjunto.....	15
1.2 - A Oração eucarística em suas das Partes Fundamentais.....	23
1.2.1 O Prefácio.....	24
1.2.2 O <i>Sanctus</i> .....	24
1.2.3 Pós-Santo – Prosseguimento do Louvor .....	25
1.2.4 Epiclese sobre os dons – Invocação do Espírito Santo .....	26
1.2.5 Narrativa da Instituição - Consagração .....	28
1.2.6 Anamnese (memorial) e Oblação .....	32
1.2.7 Epiclese da Comunhão .....	34
1.2.8 Intercessões .....	35
1.2.9 Doxologia Final .....	37
<b>CAPÍTULO II - APROFUNDANDO A QUARTA ORAÇÃO EUCARÍSTICA..</b>	<b>41</b>
2.1 História e Fontes da Oração eucarística IV .....	42
2.2 Motivos que levam à criação de novas Orações eucarísticas .....	44
2.3 O texto da quarta Oração eucarística .....	45
2.3.1 Diálogo .....	45
2.3.2 Prefácio – Ação de graças ao Pai .....	46
2.3.3 Aclamação da assembléia : <i>Sanctus</i> .....	46
2.3.4 Prolongamento da ação de graças .....	47
2.3.5 Primeira epiclese: invocação para que o Espírito atue sobre as oferendas .....	48
2.3.6 Relato da última ceia – Consagração .....	48
2.3.7 Aclamação da assembléia .....	49

2.3.8 Memorial e Oferenda: “memores offerimus”.....	50
2.3.9 Segunda epiclese: invocação do Espírito sobre os que vão comungar.....	50
2.3.10 Intercessões: comunhão eclesial.....	50
2.3.11 Doxologia final .....	51
2.4 Sua fundamentação Bíblica .....	51
2.4.1 “Façam isto em memória de mim” (Lc 22,19) .....	54
2.4.2 A praxe da Eucaristia na Igreja primitiva .....	55
2.5 Sua Teologia Eucarística .....	56
2.5.1 Eucaristia: Louvor e ação de graças da Igreja .....	57
2.5.2 A Eucaristia: permanente memória da Salvação .....	58
2.5.3 Eucaristia: Louvor à grandeza e a bondade de Deus .....	59
2.5.4 Eucaristia: Atualização da salvação realizada em Jesus Cristo .....	61
2.5.5 Presença e ação do Espírito Santo na Eucaristia .....	63
2.6 Seu caráter Modelar para a Oração litúrgica em geral .....	65
2.6.1 Dimensão Trinitária e Eclesiologia da Oração litúrgica .....	66
<b>CAPÍTULO III - A PARTICIPAÇÃO DA ASSEMBLÉIA NA ORAÇÃO EUCARÍSTICA .....</b>	<b>70</b>
3.1 A Participação Litúrgica .....	71
3.2 A natureza da participação Litúrgica .....	72
3.2.1 A participação plena .....	73
3.2.2 A participação consciente .....	74
3.2.3 A participação Ativa .....	75
3.3 Natureza da Assembléia Litúrgica .....	77
3.3.1 A sacramentalidade da Assembléia Eucarística .....	79
3.3.2 Fundamentação Bíblica da assembléia litúrgica .....	81

3.4 A Participação Proclamativa do Presidente na Oração eucarística .....	83
3.4.1 A Importância de proclamar bem a Oração eucarística .....	85
3.4.2 Autenticidade interior e exterior do Presidente da Oração eucarística .....	86
3.4.3 O Presidente: um mistagogo da Eucaristia .....	87
3.5. A participação dos fiéis no ministério da Oração eucarística.....	90
3.5.1 A participação plena e ativa dos fiéis na Oração eucarística.....	90
3.5.2 Formação litúrgica dos fiéis .....	93
<b>CONCLUSÃO</b> .....	95
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	98

## INTRODUÇÃO

A proposta desta dissertação é apresentar o sentido e a importância da plena participação da assembléia litúrgica na Oração eucarística, que por ser o coração da Missa, é “fonte e cume”<sup>1</sup> e “centro da vida cristã”.<sup>2</sup>

A questão que se coloca é que por ser uma oração nitidamente presidencial, a Oração eucarística possibilita uma participação externa muito visível por parte do sacerdote presidente, enquanto que também a assembléia não pode ficar fora desse “rio” que nos leva para o mais profundo do mistério de Deus. Então, é o conceito mesmo de participação litúrgica que precisa ser aprofundado numa linha mais mistagógica, para que o presidente e toda a assembléia se enlevem e mutuamente e se dêem as mãos, formando um corpo orante por meio de uma única voz. Este tipo de estudo assim focalizado é ainda embrionário e necessita da ajuda da ciência litúrgica para aprofundar o conceito de participação litúrgica. Este tem sido equivocado em nossas práticas, por causa da inflação do seu aspecto externo e, por isso, carece ainda de uma reflexão sistemática mais abrangente sobre a natureza da participação litúrgica. É verdade que alguns autores têm clareado que a inteireza do ser requer uma participação integral na liturgia. Este tema é bastante desenvolvido por Ione Buyst. Também Valeriano dos Santos Costa, em seu livro *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação: a participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium* aprofunda a teologia da participação ritual. Um ou outro autor tem pincelado este tema, como veremos ao longo desta dissertação.

Como a direção do nosso estudo está na linha da participação que brota da experiência mistagógica, escolhemos para o objeto material principal a Oração eucarística IV, por ser a que, a nosso ver, expressa mais abundantemente a relação eucarística com o mistério

---

<sup>1</sup> LG n. 11.

<sup>2</sup> EM n. 1.

de Deus, revelado plenamente em Jesus Cristo, por meio da História da salvação. Porém, é necessário antes discorrer sobre a natureza da Oração eucarística em geral, tanto em seu conjunto como em suas partes. É o que faremos no capítulo I.

No capítulo II, trataremos das fontes e da história da quarta Oração eucarística, enfocando sua teologia bíblico-eucarística e seu caráter modelar para a oração cristã em geral.

No capítulo III, será aprofundada a autêntica participação de todos os membros da assembléia litúrgica no momento central da celebração eucarística, tendo como método ‘o primado da ação litúrgica’. “É necessário viver e celebrar a Eucaristia como mistério de fé autenticamente celebrado, ciente de que ‘a inteligência da fé’ sempre está originariamente em relação à ação litúrgica da Igreja”.<sup>3</sup>

A dissertação mostrará, em seu desenvolvimento, que a compreensão da ação litúrgica é o ponto de partida para uma verdadeira participação na Oração eucarística e que os participantes da assembléia devem ser iniciados no mistério da salvação, atualizados nos “sinais” sagrados como caminho privilegiado para uma autêntica participação. Assim, poder-se-á compreender o profundo significado das palavras e dos gestos de Jesus na última ceia, os quais dão a estrutura de toda a Oração.

João Paulo II, na Carta Apostólica *Mane Nobiscum Domini*, convida-nos a retomar este caminho para uma verdadeira participação na liturgia e, conseqüentemente, na Eucaristia: “Os pastores empenhem-se na ‘catequese mistagógica’, muito apreciada pelos Padres da Igreja, que ajuda a descobrir os valores dos gestos e das palavras da liturgia, ajudando os fiéis a passarem dos sinais ao mistério e a comprometer nele toda sua existência”.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> EAPSSC n. 34.

<sup>4</sup> MND n. 17.

## CAPÍTULO I

### A ORAÇÃO EUCARÍSTICA E SUA NATUREZA

A Oração eucarística é essencialmente presidencial. Por isso, é pertinente aprofundarmos a natureza da participação de toda a assembléia litúrgica neste momento central da Missa para mostrarmos em que medida o povo e o presidente, num só coração, compõem uma única assembléia para exaltar as obras de Deus e oferecer o sacrifício pascal.<sup>5</sup> “Efetivamente, o presidente é a voz da assembléia, e a assembléia está toda inteira na voz de seu presidente”<sup>6</sup>. Dito assim, parece muito fácil, mas é preciso encontrar o ponto de interseção desta participação e tomar consciência da sua natureza, seja por parte do presidente por causa da sua participação exterior assoberbada, e da assembléia, por causa da sua participação interior acentuada.

Antes de verificarmos como a quarta Oração eucarística tem uma riqueza modelar que ajuda a participação de toda a assembléia litúrgica, achamos justo fazer, neste primeiro capítulo, um estudo mais detalhado da Oração eucarística em geral, abordando-a no seu conjunto e nas suas partes, na certeza de que isto constituirá a base para melhor estudarmos a Oração eucarística IV no segundo capítulo e, depois, no terceiro capítulo, concluirmos mostrando a importância da participação de toda a assembléia litúrgica nesse momento tão central da Eucaristia.

---

<sup>5</sup> Cf. CLERK, Paul. A Celebração Eucarística: seu sentido e sua dinâmica. In: BROUARD, Maurício. (org). *Eucharistia. Enciclopédia da Eucaristia*. pp. 446-447.

<sup>6</sup> GIRAUDO, Cesare. *Redescobrimo a Eucaristia*. (tradução – Francisco Taborda) p. 19.

## 1. O Sentido da Oração eucarística em seu Conjunto

Dentro da estrutura da missa, a Oração eucarística constitui o conjunto dos textos entre o prefácio e a doxologia que precede o Pai-Nosso. “Trata-se de uma oração rigorosamente unitária, que se desdobra ininterruptamente entre o diálogo inicial e o ‘Amém’ final”.<sup>7</sup> É uma ação de graça ao Pai, a quem é dirigido o mais elevado louvor e a súplica da Igreja unida a Cristo, sua Cabeça, pois, a celebração eucarística é obra de Cristo inteiro: cabeça e corpo. A sua compreensão é fundamental para uma autêntica participação, como poderemos ver no último capítulo desta dissertação.

“Trata-se, porém, de uma unidade literária que é muito densa de conteúdo teológico. Estamos no momento central de toda a celebração eucarística”.<sup>8</sup> Desta maneira, a participação na Oração eucarística configura-se primordialmente como expressão particularmente abalizada do singular colóquio, entre o povo salvo e o Deus da Aliança, como oração de louvor e ação de graças enraizada na história do amor de Deus revelado pela Palavra.

Nessa perspectiva, a Oração eucarística é dominada pela referência à Aliança, e os seus conteúdos vão reunindo-se em torno dos grandes eventos em que progressivamente ocorreu a manifestação de Deus ao seu povo; um particular patrimônio teológico e espiritual para Israel, forjado de criação-lei-eleição, que culmina em Jesus Cristo e no seu mistério pascal. “O Mistério pascal de Cristo é o acontecimento central de nossa salvação e nele temos nossas raízes e a ele voltamos em cada celebração”.<sup>9</sup> Por isso, a Oração eucarística não é somente “simples sacrifício de louvor”, mas a realização de um fato: o sacrifício pascal de

---

<sup>7</sup> Ibidem.

<sup>8</sup> AUGÉ, Matias. *Liturgia: história – celebração – teologia - espiritualidade*. p.59.

<sup>9</sup> Ibidem.

Jesus, que culminou com a sua morte e ressurreição definitiva. É um fato celebrado não como uma lembrança do passado, mas realizado misteriosamente no presente, exprimindo a mais elevada ação de graças e a súplica mais profunda dirigida ao Pai por Cristo no Espírito Santo. É da “participação ativa, consciente, plena, frutuosa e piedosa”<sup>10</sup> neste ato de louvor e súplica, que vamos tratar nesta dissertação.

As pesquisas históricas e teológicas<sup>11</sup> mostraram que o objeto da Oração eucarística é celebrar, pelo poder do Espírito Santo, o memorial da morte e ressurreição de Cristo. A *Sacrosanctum Concilium* e a Instrução Geral do Missal Romano afirmam que

na última Ceia, na noite em que foi entregue, nosso Salvador instituiu o Sacrifício Eucarístico de seu Corpo e Sangue. Por ele, perpetua pelos séculos, até que volte, o Sacrifício da Cruz, confiando destarte à Igreja, Sua dileta esposa, o memorial de Sua Morte e Ressurreição.<sup>12</sup>

Cristo, na verdade, tomou o pão e o cálice, deu graças, partiu o pão e deu-o a seus discípulos dizendo: “tomai e comei, bebei; isto é o meu Corpo; este é o cálice do meu Sangue. Fazei isto em memória de mim”. Por isso a Igreja dispôs toda a celebração da liturgia eucarística em partes que correspondem às palavras e gestos de Cristo. De fato: 1) Na preparação dos dons levam-se ao altar o pão e o vinho com água, isto é, aqueles elementos que Cristo tomou em suas mãos. 2) Na Oração eucarística rendem-se graças a Deus por toda a obra da salvação e as oferendas tornam-se Corpo e Sangue de Cristo. 3) Pela fração do pão e pela comunhão, os fiéis embora muitos, recebem o Corpo e o Sangue do Senhor de um só pão e de um só cálice, do mesmo modo como os apóstolos, das mãos do próprio Cristo.<sup>13</sup>

A Oração eucarística tem sua origem na oração veterotestamentária, que pode ser chamada “Oração de Aliança”, por ter uma estrutura análoga e paralela aos tratados de Aliança do Oriente Médio antigo, que serviam de inspiração para os textos bíblicos da Aliança de *Javé* com seu povo, segundo a tese de Giraud.<sup>14</sup>

Os textos de Aliança na vida política do Oriente Médio antigo têm uma estrutura muita lógica. Começam recordando os benefícios que o súdito recebeu de seu senhor e, em

<sup>10</sup> COSTA, Valeriano Santos. *Viver a Ritualidade Litúrgica como Momento Histórico da Salvação...* p. 59.

<sup>11</sup> Cf. CLERK, Paul. A Celebração Eucarística: seu sentido e sua dinâmica. In: BROUARD, Maurício. (org). *Eucharistia. Enciclopédia da Eucaristia*. p. 446.

<sup>12</sup> SC n. 47.

<sup>13</sup> IGMR n. 72.

<sup>14</sup> Cf. GIRAUDO, Cesare. *Num Só Corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. (Tradução - Francisco Taborda). pp. 187-253.

decorrência, vêm em seguida as obrigações ou cláusulas de Aliança. Conclui-se, em geral, invocando os deuses e desejando a bênção para quem se ativer à Aliança e a maldição para os que a infringirem. Deus, em sua revelação a Israel, serviu-se dessa experiência humana para fazer compreender a relação entre ele e seu povo. Os textos bíblicos seguem, pois, a mesma lógica, recordando as maravilhas que Deus operou para seu povo e fazendo decorrer daí as obrigações conseqüentes.

Essa estrutura literária contém uma verdade teológica de fundamental importância: Deus não impõe obrigações; elas decorrem do que Deus já fizera previamente em favor de seu povo. Porque *Javé* ama seu povo e o libertou do Egito pode, exigir uma série de obrigações. Em muitos textos de Aliança, a esses dois elementos se seguem bênçãos e maldições de acordo com a observância ou não das cláusulas de Aliança.<sup>15</sup> Em termos técnicos, as duas primeiras partes do discurso de Aliança podem ser chamadas de «secção anamnética» (a recordação do que Deus fez por seu povo) e «secção injuntiva» (a junção ou ordem formal de Deus que se segue dos benefícios que lhe conferiu). A segunda depende da primeira; é sua conseqüência lógica, jurídica e teológica.

O ser humano não têm mérito diante de Deus. Tampouco, pode fazer exigências. O discurso de Aliança, da parte humana, só pode ser recordação da misericórdia divina e súplica humilde e confiante com base nas promessas da Aliança. Partindo dessa tese, Giraudo mostra que a base literária da Oração eucarística é a Oração de Aliança.<sup>16</sup>

Por sua vez, a oração de Aliança apresenta-se em duas secções: a secção anamnético-celebrativa e a secção epiclética. O parceiro humano da Aliança inicia seu discurso recordando os grandes feitos de Deus em favor da humanidade por meio de uma fidelidade a toda prova, apesar das infidelidades humanas. Recordando-o, louva, bendiz, dá

---

<sup>15</sup> Cf. Dt 28, 1-45.

<sup>16</sup> Cf. GIRAUDO, Cesare. *Num só Corpo*: Tratado mistagógico sobre a eucaristia. (Tradução – Francisco Taborda). pp. 233-412.

graças a Deus por tanta bondade e misericórdia. Baseado na sempre renovada fidelidade de Deus, ousa apresentar-lhe sua injunção, como parceiro da Aliança, uma “injunção suplicante” autorizada pela promessa divina.

A estrutura literária da Oração eucarística pode ser classificada dentro do gênero litúrgico de “prece solene”, usado em momentos de fundamental importância na celebração dos sacramentos.<sup>17</sup> Para Giraud, o gênero literário eucológico judeu, que parece ter influenciado mais no desenvolvimento da Oração eucarística, encontra-se no AT, mas é anterior inclusive à “*berakah*”<sup>18</sup> e à “*birkat-ha-mazon*”:<sup>19</sup> a oração de louvor, de Aliança, com tom sacrificial, que inclui uma “confissão tanto do próprio pecado, como da grandeza de Deus. É uma oração mais relacionada às “refeições sacrificais” e penitenciais, no marco da renovação da Aliança, do que às refeições comuns ou pascais dos judeus. Essa oração de confissão sacrificial seria a raiz original da “*berakah*” e da “*birkat-ha-mazon*”.

A “eucharistia” derivaria, portanto, mais da raiz “*Ydh*” (confessar), do que da raiz “*berk*” (bendizer), embora ambas se traduzissem às vezes para o grego como “*eucharistein*”.<sup>20</sup> A *Torah* influi, depois, nas próprias bênçãos dos judeus e na “*birkat-ha-mazon*” e dá à Eucaristia cristã um tom de reconciliação e renovação da Aliança. Esta *Torah* é bipartida; uma primeira parte é de louvor e ação de graças, de proclamação das “*mirabilia Dei*”, uma verdadeira celebração anamnética da obra de Deus. Uma segunda, de tom de petição e

<sup>17</sup> Cf. TABORDA, Francisco. Fazei isto em Meu Memorial: a Eucaristia como sacramento da unidade. In CNBB. *A Eucaristia na vida da Igreja* (Estudos da CNBB n. 89), pp. 42-43.

<sup>18</sup> *Berakah*: Significa uma oração de Ação de Graças, ou a Bênção de Deus para o alimento (que foi tomado), que nunca podia faltar na refeição ritual judaica.

<sup>19</sup> *Birkat-ha-mazon*: É um texto tripartido, composto de três estrofes: Uma curta estrofe de bênção, que tem por objetivo o alimento que Deus proporciona ao povo de Israel; uma ampla ação de graças, que tem por objetivo a terra fértil e desejada que Deus deu a Israel (agradecimento que se manifesta lembrando a história da salvação desde o Egito até a Ceia recentemente consumida); e uma estrofe de súplica pela sobrevivência de Israel por Jerusalém, pela dinastia de Davi e pelo templo. Trata-se fundamentalmente de uma ação de graças com a introdução de uma bênção e concluída por uma súplica. Esta oração é considerada a origem da Oração eucarística Cristã. A Oração eucarística embora derivando da *birkat-ha-mazon* hebraica revela-se absolutamente original: integrou as estruturas antigas, aperfeiçoando-as e enriquecendo-as. A formação da oração hebraica em três perícopes (bênção-memorial, ação de graças, súplica) assumiu na Oração eucarística uma característica completamente nova no seu conteúdo.

<sup>20</sup> Cf. AUGÉ, Matias. *Liturgia. história – celebração – teologia - espiritualidade*. pp 160-162.

súplica, surge espontaneamente do louvor anterior, para que Deus continue atuando em favor de seu povo. E, no meio, como já ocorria nas orações de Israel, inclui às vezes um “embolismo”, no caso do relato das palavras de Cristo, para dar força ao memorial e à petição.

Há em nossas Orações eucarísticas um modelo magnífico de oração, tanto teológico como antropológico, porque dá a primazia à obra de Deus e ao mesmo tempo ressalta como a história do ser humano permanece em sua atuação salvífica. É uma oração teocêntrica e antropocêntrica ao mesmo tempo.

Em Cristo se concretiza e se encarna a bênção tanto descendente (nele, Deus nos abençoa) como a ascendente (nele, a humanidade bendiz a Deus). É a melhor forma de oração para expressar o caráter dialógico da salvação em Cristo.

Os cristãos cumularam a estrutura eucológica judaica de um conteúdo novo: louvor e a ação de graças por Cristo Jesus e a súplica, para que se cumpra na Eucaristia e na vida o que ele realizou de uma vez por todas em sua páscoa.

O Catecismo da Igreja Católica vê toda a história da salvação demarcada em sua linha descendente e ascendente como uma grande bênção: desde o início até a consumação dos tempos, toda a obra de Deus é bênção.<sup>21</sup>

A criação e, sobretudo, a vinda de Jesus são bênçãos descendentes, cuja resposta é dada pela comunidade cristã com sua benção, principalmente na celebração eucarística. Portanto, a estrutura literário-teológica das orações eucarísticas é o exemplo mais significativo da eucologia maior e o modelo mais completo da eucologia cristã, que contém um movimento interior de benção e ação de graças ao Pai, por Jesus Cristo, no Espírito. Eis a “riqueza teológica e espiritual inesgotável que merece ser convenientemente ressaltada a sua importância e os fiéis devem ser capazes de apreciá-la”.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> Cf. CIC nn.107; 1083; Ef 1, 3-6.

<sup>22</sup> EAPSSC n. 48.

Partindo desta definição da estrutura literário-teológica da Oração eucarística na estrutura geral da Missa, vamos mostrar a importância de uma autêntica participação na celebração da Eucaristia, de maneira “plena, consciente, frutuosa e piedosa”, do mistério central da nossa fé, que é o mistério pascal do Senhor. A participação, então, é uma exigência espiritual imprescindível para uma autêntica celebração eucarística que nos encha da alegria pascal do Senhor, para testemunhá-lo no cotidiano, «dando uma forma eucarística a toda a existência cristã».

Para compreendermos a Oração eucarística como Oração de Aliança que atualiza o memorial da Páscoa do Senhor,

precisamos reportar-nos à economia salvífica do Antigo Testamento. Em seu centro está o evento fundador da passagem do Mar Vermelho, que é o ponto de referência sempre retomado no AT. De não-povo, os filhos de Israel se tornaram povo de Deus; de massa escrava, homens e mulheres livres (...). É pelo evento da libertação que Deus dá origem a seu povo como povo que pode levar seu nome. Foi preparado pela atuação de Moisés e profeticamente anunciado na última ceia do Egito. Esta é, por excelência, o sinal profético do AT que remete os participantes ao futuro imediato da libertação do Egito.<sup>23</sup>

Deus escolheu Israel como seu povo. Estabeleceu com ele uma Aliança. Na história deste povo, Deus manifestou-se e mostrou os desígnios de sua vontade. E santificou-o para si. Isso, porém, aconteceu em preparação e em figura daquela nova e perfeita Aliança que se estabeleceria em Cristo. Foi Cristo quem instituiu a nova Aliança, isto é, o novo testamento em seu sangue<sup>24</sup>. É o que também ensina-nos a Constituição Dogmática *Dei Verbum*: “A economia do Antigo Testamento estava ordenada principalmente para preparar a vinda de Cristo, redentor de todos, e de seu Reino Messiânico...”<sup>25</sup> Neste caso, o alicerce indelével da

<sup>23</sup> Cf. TABORDA, Francisco. Fazei isto em Meu Memorial: a Eucaristia como sacramento da unidade: In: CNBB. *A Eucaristia na Vida da Igreja*. (Estudos da CNBB n. 89). pp.42-43.

<sup>24</sup> Cf. LG n. 9.

<sup>25</sup> DV n. 15.

Nova Aliança de Jesus continua sendo o do Antigo Testamento, mas ele opera uma recuperação radical com o que vinha sendo praticada pelos escribas e fariseus.

Por causa da necessidade de renovar a relação entre Deus e o homem, Jesus Cristo entra na história para transformar a Aliança Antiga na Nova Aliança, anunciada pelo profeta Jeremias: “Eis que virão dias, diz o Senhor, em que eu farei nova Aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá... Gravarei a minha lei nas suas entranhas, e a escreverei nos seus corações e serei o seu Deus e eles serão o Meu povo... Todos me conhecerão, desde o menor até o maior, diz o Senhor”.<sup>26</sup>

A sagrada Eucaristia, deste modo, recapitula e coroa, com efeito, uma multidão de dons de Deus feitos à humanidade depois da criação do mundo e das divinas Alianças com Noé, Abraão e Moisés.

A Eucaristia leva à sua realização o desígnio de Deus de estabelecer uma Aliança definitiva com a humanidade; apesar de ser uma história trágica de pecado e rejeição da parte do povo desde as origens. Deus instaura concretamente, por este sacramento, a Nova-Aliança selada no sangue de Cristo. Esta Aliança sela definitivamente uma longa história de Aliança entre Deus e o povo nascido de Abraão, nosso pai na fé. Como a celebração da Páscoa judaica no tempo da promessa, a sagrada Eucaristia acompanha a peregrinação do povo de Deus na história da Nova-Aliança. Ela é um memorial vivo do dom que Jesus Cristo fez do seu corpo e do seu sangue para resgatar a humanidade do pecado e da morte e comunicar-lhe a vida eterna. Na sua liturgia e na sua oração milenares, o povo judeu aprendeu a celebrar a grandeza do seu Deus Santo, criador e libertador. A Páscoa esteve sempre no centro da liturgia, que recorda de geração em geração o acontecimento do Êxodo:<sup>27</sup> “Esse dia vos servirá de memorial”.<sup>28</sup>

A Páscoa é desde então a celebração anual da libertação do Egito, com tudo o que esse acontecimento comporta. A celebração da Páscoa era, por esse motivo, a celebração de uma presença libertadora de Javé em meio ao seu povo e a exigência de sair sempre daquilo que o Egito significa: o país da escravidão e da injustiça, “a casa da escravidão”.<sup>29</sup> A certeza dessa presença no meio de seu povo é que possibilita viver a história como História de

<sup>26</sup> Jr 31, 31-34.

<sup>27</sup> Cf. MARCH, Ouellet. Documento teológico de Base para o Congresso Eucarístico Internacional de Quebec Canadá – 2008. *A Eucaristia: Dom de Deus para a vida do Mundo*. pp. 13-15.

<sup>28</sup> Ex 12,24.

<sup>29</sup> Dt 5,6.

salvação. Desse modo, a Páscoa se move entre o passado e o futuro. No presente se recorda e atualiza o passado, mas tendo em vista um compromisso com o futuro que é preciso construir. Daí que a celebração da Eucaristia é a memória permanente da nova e definitiva Aliança, selada no sangue de Jesus que realiza a libertação do pecado e da morte de toda a humanidade.

A Eucaristia, porque é Páscoa, nunca é rito vazio. Sempre é exigência de vida nova. Essa exigência ética de uma nova forma de viver é explicitada na Aliança. A saída do Egito encaminha-se rumo à Aliança do Sinai, e a ceia de Jesus é a ceia da “nova Aliança”. Há, portanto, uma dimensão celebrativa, cultural, e uma dimensão ética que se manifesta na vida. Na Páscoa de Jesus celebrada ritualmente na Oração eucarística, há a mesma exigência de vida nova expressa no mandamento do amor. A Páscoa de Jesus é o momento de mostrar o amor do Pai<sup>30</sup> e o amor às pessoas que o Pai lhe confiou.<sup>31</sup> Jesus, “que amava os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”.<sup>32</sup> Nesse amor reside toda a novidade da nova Aliança celebrada na Eucaristia. Porque se trata de tornar nossa a Páscoa de Jesus, sua passagem “de mundo para o Pai”.<sup>33</sup>

A memória reconhecida da Igreja proclama: “E de tal modo, Pai Santo, amaste o mundo que, chegada a plenitude dos tempos, nos enviastes vosso próprio Filho para ser o nosso Salvador”.<sup>34</sup> Nesse contexto se move Jesus na última ceia. A expressão “Em memória de mim” nos remete ao amor, à entrega e à doação da vida que são a essência da nova Aliança realizada no mistério pascal de Cristo. É sacrifício de comunhão que nos faz entrar nesse dinamismo de entrega e da radicalidade de seu amor. Jesus quer implicar os seus em seu próprio destino: vida, morte, salvação e missão.

---

<sup>30</sup> Jo 14,31.

<sup>31</sup> Jo 17,6.

<sup>32</sup> Jo 13,1.

<sup>33</sup> Jo 13,1; 16,28.

<sup>34</sup> OEIV *pós-sanctus*.

É necessário compreender cada vez mais o sentido profundo da Eucaristia como celebração da nova e eterna Aliança no sangue do Cordeiro Pascal. “No mistério pascal, realizou-se verdadeiramente a nossa libertação do mal e da morte. Na instituição da Eucaristia, o próprio Jesus falava da nova e eterna Aliança, estipulada no seu sangue derramado”.<sup>35</sup> “Jesus é o verdadeiro Cordeiro pascal que se ofereceu espontaneamente em sacrifício por nós, realizando a nova e eterna Aliança. A Eucaristia contém essa novidade radical, que é oferecida em cada celebração”.<sup>36</sup>

Compreendido o sentido mais profundo da Oração eucarística como celebração da Aliança, passamos a analisar a Oração eucarística em suas partes em vista de uma autêntica participação de toda a assembléia litúrgica.

## **2. A Oração eucarística em suas Partes Fundamentais**

As partes fundamentais da Oração eucarística são:

- Prefácio;
- *Sanctus*;
- Pós-*Sanctus*;
- Epiclese sobre os dons (invocação do Espírito Santo);
- Narrativa da Instituição – Consagração;
- Anamnese (memorial) e Oblação;
- Epiclese de comunhão;
- Intercessões;
- Doxologia final – AMÉM.

---

<sup>35</sup> EAPSSC n. 9. Cf. Mt 26,28; Mc 14,24; Lc 22,20.

<sup>36</sup> *Ibidem*.

## 2.1 O Prefácio

A tradição romana chama de “prefácio” a proclamação de louvor que inicia a Oração eucarística (diálogo inicial) e vai até o *Sanctus*. O Missal Romano contém mais de oitenta prefácios, que particularizam os motivos de louvor.

No diálogo inicial, o sacerdote convida o povo a elevar os corações ao Senhor na oração e ação de graças e o associa à prece que dirige a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo, em nome de toda a comunidade. Este diálogo já é encontrado nas fórmulas judaicas da “*birkat-ha-mazon*”, quando o pai de família dá graças depois das refeições. Também encontramos diálogos quase idênticos nos primeiros modelos de Hipólito e nas anáforas orientais.<sup>37</sup>

A função do diálogo inicial é estabelecer a relação cultual entre a assembléia e Deus, pondo o parceiro humano em orientação de mente e coração para com o parceiro divino, pois a Oração eucarística exige a inteireza dos participantes. Se isso vale para os fiéis, vale, sobretudo, para aquele que, na sua autoridade de presidente, é chamado a dirigir a Deus Pai o discurso oracional. Assim, o diálogo inicial nos conduz ao umbral da prece eucarística.<sup>38</sup>

Este umbral está no conteúdo do prefácio que segue ao diálogo inicial, onde a Igreja rende graças ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo, por todas as suas obras, pela criação, a redenção, a santificação. Toda a comunidade terrestre se junta a este louvor incessante que a Igreja celeste com os anjos e todos os santos cantam a Deus, três vezes Santo.

## 2.2 O *Sanctus*

O prefácio é coroado pelo *sanctus*, aclamação da assembléia, normalmente cantada. A primeira parte do cântico retoma o cântico dos serafins,<sup>39</sup> ampliado com o dos quatro animais de,<sup>40</sup> constituindo uma aclamação a Deus pela sua característica essencial da santidade.

---

<sup>37</sup> Cf. GIRAUDO, Cesare. *Redescobrimo a Eucaristia*. (Tradução Francisco Taborda). pp. 15-19.

<sup>38</sup> *Ibidem*.

<sup>39</sup> Is 6,3.

<sup>40</sup> Ap 4,8.

A segunda parte cita o grito da multidão jubilosa quando Jesus entrou em Jerusalém.<sup>41</sup> É, portanto, uma aclamação cristológica considerada o cântico mais importante da missa.

A assembléia terrena se une ao canto dos anjos e dos santos no céu e quer entoar um louvor cósmico: “com eles também nós e, por nossa vez, tudo o que criastes, celebramos o vosso nome”.<sup>42</sup> O canto ressalta a santidade do Deus Trino: o *benedictus* centraliza seu louvor ao Pai em seu melhor dom, o Salvador, Jesus Cristo. Com o *Sanctus*, que nos sintoniza com a Jerusalém celeste, nossas vozes se fundem e confundem num coro imenso que canta a grandeza de Deus.

Até agora, tudo tem sido proclamação de louvor e ação de graças: uma oração cheia de admiração agradecida, dirigida a Deus Criador, do universo, Senhor, o Santíssimo, que atua na história e, principalmente, no momento central da páscoa de seu Filho. Eis a autêntica natureza da ação de graças.

A compreensão da Oração eucarística convida-nos a reservar cuidado especial à proclamação do *Sanctus*, livrando-nos da tentação de resmungá-lo maquinalmente. Faz bem celebrá-lo com canto, pois, neste momento se torna real e sensível a união das duas assembléias: a da terra e a do céu, em atitude de adoração, ação de graças e louvor.

### **2.3 Pós-sanctus – Prosseguimento do Louvor**

O louvor se prolonga depois do *Sanctus* no “*vere sanctus*”.<sup>43</sup> Ao mesmo tempo que a ação de graças continua pela história da salvação, o “*vere sanctus*” serve na liturgia romana de ligação com a primeira invocação do Espírito. A lógica é clara: já que Deus é santo, atua salvificamente santificando também a nossa oferenda. Se a Eucaristia é, como diz esta

---

<sup>41</sup> Mt 21,9.

<sup>42</sup> Conclusão do prefácio da Oração eucarística IV.

<sup>43</sup> ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*.p. 251.

oração, “memorial da Aliança”, é lógico que se proclame com esta amplitude a obra salvadora de Deus, na qual ele mostrou sua proximidade e sua vontade de fazer Aliança.

Esse trecho da Oração eucarística continua o louvor e a ação de graças a Deus Pai, retomando algumas palavras do canto como elo de união com o que o precedeu. Aqui se pode observar claramente que o pós-*sanctus* continua o prefácio, falando das etapas sucessivas da história da salvação até o momento culminante da páscoa de Jesus Cristo.

Com o pós-*sanctus*, conclui-se a primeira parte da Oração eucarística, a secção anamnético-celebrativa. Agora, geralmente com uma partícula lógica de transição (portanto, por isso, e agora...), passa-se à segunda parte, a secção epiclética ou súplica baseada na experiência da misericórdia e bondade de Deus louvadas na primeira parte.

A natureza desta primeira parte da solene Oração eucarística é a proclamação de louvor e ação de graças a Deus Pai pelas maravilhas da salvação da qual fazemos memória. Deste modo, já podemos adiantar que a autêntica participação nesta Oração consiste numa profunda comunhão de todos os membros da assembléia com o mistério que está sendo celebrado.

### **Epiclese sobre os dons– Invocação do Espírito Santo<sup>44</sup>**

Na Oração eucarística, há duas epicleses: uma sobre os dons e outra sobre a assembléia em vista da comunhão frutuosa. Aí é invocado o Espírito Santo, porque é nele que se realiza a eficácia do sinal sacramental e se constrói o Corpo de Cristo, a Igreja. Antes de falarmos sobre a epiclese específica sobre os dons, vamos abordar a epiclese enquanto tal.

---

<sup>44</sup> Epiclese (de “epi-kales”, “in-vocare”, “chamar sobre”), significa invocação. Como as orações de bênçãos judaicas terminavam com a súplica, assim, nossa Oração eucarística pede a Deus que venha sua força salvadora sobre o que celebramos e sobre nós mesmos.

A epiclese é a ação na qual a Igreja implora por meio de invocações especiais a força do Espírito Santo. Na reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, a Igreja enfatiza que o Espírito Santo é fundamental na Eucaristia. E assim, as novas orações eucarísticas passam a usar uma epiclese explícita.<sup>45</sup> O mesmo Espírito que atuou na encarnação do Filho de Deus, que deu sentido à sua morte<sup>46</sup> e que o ressuscitou dentre os mortos<sup>47</sup> é que realiza agora o mistério eucarístico. O sacerdote, em nome de toda a comunidade, pronuncia a invocação.

“Esta invocação é uma evocação contínua, dentro da Oração eucarística, de que a força salvadora de Deus atua em nossa celebração, assim como em toda a história da salvação. O que é decisivo, é que nossa atitude seja de súplica humilde e confiante”.<sup>48</sup>

A epiclese faz-nos confessar que é o Espírito que santifica, transforma e dá a vida. Foi ele que no início do cosmos, pairando sobre as águas primordiais, encheu-as de vida. Atuou na anunciação à Virgem Maria de Nazaré, “fazendo-a conceber o Filho Eterno do Pai numa humanidade proveniente da sua”.<sup>49</sup> O mesmo Espírito em Pentecostes encheu de vida a primeira comunidade eclesial. É ele que atua agora sobre os dons eucarísticos e sobre a comunidade, incorporando o pão e o vinho à esfera de Cristo Ressuscitado e à comunidade orante.<sup>50</sup>

A epiclese sobre os dons é o quarto elemento da Oração eucarística. É feita para que os dons oferecidos pela Igreja sejam consagrados, tornando-se o Corpo e o Sangue de Cristo. A invocação do Espírito, nessa epiclese, é decisiva para acontecer a transformação eucarística do pão e do vinho no Corpo e no Sangue de Cristo. O Catecismo da Igreja Católica, ao falar da Eucaristia, explicita claramente que a transformação do pão e do vinho se deve, por um lado, às palavras de Cristo, e, por outro, ao Espírito: “O pão e o vinho {...} pelas palavras de Cristo e pela invocação do Espírito Santo se tornam o

---

<sup>45</sup> Cf. TABORDA, Francisco. *Fazei isto em Meu Memorial: a Eucaristia como sacramento da unidade*. in: CNBB. *A Eucaristia na vida da Igreja* (Estudos da CNBB n. 89). pp. 65-75.

<sup>46</sup> Hb 9,14.

<sup>47</sup> Rm 8,11.

<sup>48</sup> ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. pp.270-271.

<sup>49</sup> Cf. CIC nn. 485-486.

<sup>50</sup> *Ibidem*.

Corpo e o Sangue de Cristo”.<sup>51</sup> É invocado o Espírito Santo, porque é nele que se realiza a liturgia eucarística e qualquer outro sacramento.

Os Padres da Igreja afirmaram a fé na eficácia da palavra de Cristo e na ação do Espírito Santo para operar esta conversão, “sobre os quais é invocada a bênção do Espírito Santo, e o sacerdote pronuncia as palavras da consagração ditas por Jesus, durante a última ceia”.<sup>52</sup> Desta forma, portanto, podemos entender o sentido da epiclese como invocação do Espírito, que é pedagogo, preparador, memória, animador e atualizador do mistério de Cristo na celebração litúrgica.

Cristo continua atualizando sua auto-doação da Ceia e da Cruz, por meio do Espírito. Ou melhor, o Espírito torna atual o que Cristo fez e disse então. E nós invocamos o Pai e proclamamos o memorial da páscoa, com a convicção de que o mistério se torna acontecimento para nós, hoje e aqui.<sup>53</sup> Eis, a natureza da primeira epiclese da Oração eucarística: “Que o mesmo Espírito Santo santifique estas oferendas, a fim de que se tornem o corpo e o sangue de Jesus Cristo”...<sup>54</sup>

## **2.5 Narrativa da Instituição - Consagração**

A narrativa da instituição, também conhecida como consagração, retoma as palavras e ações de Cristo na última ceia, quando instituiu “ sob as espécies de pão e vinho, o sacrifício do seu corpo e sangue oferecido na cruz uma vez por todas, e o entregou aos apóstolos como comida e bebida, dando-lhes também a ordem de perpetuar este mistério”.<sup>55</sup>

---

<sup>51</sup> CIC n. 1333.

<sup>52</sup> CIC n. 1412.

<sup>53</sup> Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. pp. 270-273.

<sup>54</sup> OEIV Epiclese sobre os dons.

<sup>55</sup> IGMR n. 79d; CIC n. 1353.

A Oração eucarística chega agora ao seu centro de maior densidade litúrgica. Tudo o que Deus Pai fez desde a criação se condensa na páscoa de Cristo, na sua morte e ressurreição, e ainda antes no gesto simbólico de sua entrega: o relato de sua última Ceia. O louvor converte-se em memorial sacramental do que Cristo disse e realizou, tanto na Ceia como na Cruz.<sup>56</sup> Na liturgia romana, todo o relato da instituição e o memorial de oferenda adquirem um tom epiclético, porque invocamos o Espírito para que hoje e aqui a celebração seja na verdade o que Cristo ordenou.

O relato da última ceia é o “hoje” da páscoa de Cristo, o momento em que proclamamos o mistério de Cristo – o sacramento da Ceia e o histórico de sua Cruz -, com a convicção de que ele mesmo, por seu Espírito, atualiza para nós na celebração. E tudo isto sem perder o tom de louvor dirigido ao Pai, apresentando as palavras e gestos sobre o pão e o vinho em íntima conexão com a morte salvadora de Cristo. A esse propósito, devemos sublinhar que a transubstanciação pedida e realizada pelo conjunto constituído pela epiclese e pelas palavras da Instituição está ordenada dinamicamente à assembléia cultural que se reuniu para fazer a comunhão.

Em consonância com toda a tradição litúrgica, reconhecemos que a consagração é o coração da Oração eucarística. Ora, a mesma tradição, à luz do mistério da liturgia, convida a redescobrir hoje a interação mútua e imprescindível entre esse coração, que contém em si o mistério da páscoa de Cristo, e todos os outros elementos da Oração eucarística.

“Como no organismo vivo, o coração não pode ser isolado do conjunto dos outros órgãos, assim também na Oração eucarística, a Consagração não pode ser confiada a um isolamento áureo”.<sup>57</sup> Assim sendo, entende-se a natureza e o sentido do relato institucional na Oração eucarística. A narração não se dirige à assembléia, mas ao Pai, referindo o que

---

<sup>56</sup> Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. pp. 252-256.

<sup>57</sup> GIRAUDO, Cesare. *Redescobrimo a Eucaristia*. (Tradução - Francisco Taborda). p. 44.

Jesus mandou fazer, para que ouça a nossa súplica e transforme o pão e o vinho no Corpo e no Sangue de Cristo, para sermos o seu corpo eclesial.

A Eucaristia “sendo memorial de Cristo”, não consiste apenas em renovar os gestos da Ceia, mas também, em renovar os gestos de Cristo na páscoa de sua vida, morte e ressurreição; louvor ao Pai a partir das circunstâncias de nossa Igreja caminhante, oferecer o sacramento memorial do sacrifício de Cristo, mas ao mesmo tempo “oferecer-nos na nossa páscoa, páscoa de Cristo na páscoa da gente, páscoa da gente na páscoa de Cristo”.<sup>58</sup>

Para uma frutuosa participação é necessário esforçar-se para corresponder pessoalmente ao mistério celebrado por meio do oferecimento a Deus da própria vida em união com o sacrifício de Cristo pela salvação do mundo inteiro. Portanto, fica evidente o sentido da autêntica participação neste momento central da celebração da Eucaristia. “Assim, é preciso promover uma educação da fé eucarística que predisponha aos fiéis a viverem pessoalmente o que se celebra”.<sup>59</sup>

“Eis o Mistério da fé”.<sup>60</sup>

*Anunciamos, Senhor, a vossa morte  
e proclamamos a vossa ressurreição.  
Vinde Senhor Jesus!*

Analisemos a aclamação memorial situada no centro da Oração eucarística renovada pelo Concílio Vaticano II. “A introdução desta aclamação não foi uma novidade para a tradição litúrgica da Igreja. É encontrada em muitas anáforas orientais”.<sup>61</sup> A aclamação da anamnese é um esplêndido resumo da Eucaristia dirigida a Cristo pela assembléia. Com a aclamação, “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde

<sup>58</sup> CNBB – *Animação da Vida Litúrgica no Brasil*. (Documentos da CNBB n. 43). n. 300.

<sup>59</sup> Cf. EAPSSC n. 64.

<sup>60</sup> Cf. BUYST. Ione. *Eis o Mistério da Fé: A Eucaristia como sacramento pascal*. In: CNBB. *A Eucaristia na Vida da Igreja*. (Estudos da CNBB n. 89). pp. 25-35.

<sup>61</sup> *Ibidem*.

Senhor Jesus”!, a celebração eucarística atualiza a páscoa histórica de Jesus, ao mesmo tempo em que antecipa a Ceia escatológica do reino. Esta aclamação memorial é cantada por todo o povo celebrante.<sup>62</sup>

É fácil reconhecer nesta aclamação o texto de Paulo: “Toda vez que vocês comem deste pão e bebem deste cálice, anunciam a morte do Senhor, até que ele venha”.<sup>63</sup>

Notemos ainda em Paulo que a expressão “até que ele venha” é uma alusão ao Reino. Anunciamos sua morte salvadora, sua vitória sobre a morte pela ressurreição (glorificação) e a chegada do Reino a partir disso, focalizando que a tensão escatológica diante de um mundo imerso no pecado produz a esperança de um mundo renovado. “Toda vez” indica uma repetição; trata-se evidentemente da ação ritual da ceia eucarística realizada pelas comunidades cristãs. A partir da análise de 1Cor 11,26 estamos em condições de entender esta aclamação: *Eis o mistério da fé. De onde vem esta expressão?*<sup>64</sup>

A expressão *Mistério da Fé* encontra-se em 1Tm 3,9 e é como uma síntese do mistério redentor; 1Tm 3,16: “Grande é o mistério da piedade: (Cristo) foi manifestado na carne, justificado no Espírito<sup>65</sup>, contemplado pelos anjos, proclamado às nações, criado no mundo, exaltado na glória”. No entanto, a introdução na liturgia eucarística é uma novidade; não há antecedentes em nenhuma tradição litúrgica.<sup>66</sup> *Qual é este mistério?*

O contexto deixa claro: o mistério da fé é a ceia eucarística, memorial da morte e ressurreição do Senhor, até sua volta. É celebração do mistério pascal, que engloba a paixão, morte, ressurreição, ascensão e demais dimensões do único mistério pascal de Cristo<sup>67</sup>.

É revelação também do mistério da Igreja: “O seu fundamento e a sua fonte é todo o *Triduum Pascale* (...) concentrado para sempre no dom da Eucaristia. Neste, Jesus Cristo entregava à Igreja a atualização perene do mistério. ”O mistério pascal aponta ainda para a dimensão cósmica da Eucaristia:” “... A Eucaristia é sempre celebrada sobre o altar do

<sup>62</sup> Ibidem.

<sup>63</sup> 1Cor 11,26.

<sup>64</sup> O original em latim “*Magisterium Fidei*”; a tradução oficial no missal francês é “*il est grand lê mystère de la foi*” (É grande o mistério da fé!). Não há nenhuma rubrica indicando nenhum gesto para acompanhar estas palavras.

<sup>65</sup> Cf. JOUNEL, Pierre, *Lês acclamations du peuple, La Maison-Dieu*, pp. 75-76.

<sup>66</sup> A expressão *Mysterium Fidei* figurava indevidamente como uma interpolação nas palavras da consagração do cálice no rito de Pio V: “*Accipite e bibite ex eo omnes. Hiic est enim calix sanguinis mei, novi et aeterni testamenti, mysterium fidei: qui pro vobis et pro multis effundetur in remissionem peccatorum*”; *MESSALE Romanum* Ex decreto Sacrosancti Concilii Tridentini restitutum S. Pii V Pontificis Maximis jussu editum aliorum pontificum cura recognitum a Pio X reformatum et Benedicti XV auctoritate vulgatum MCMXLIX, p.273.

<sup>67</sup> Ibidem.

mundo. Une o céu e a terra. Abraça e impregna toda a criação (...) este é o ‘*mysterium fidei*’ que se realiza na Eucaristia: o mundo saído das mãos de Deus criador volta a ele redimido por Cristo”.<sup>68</sup>

## 2.6 Anamnese (memorial) e Oblação

A Eucaristia é simultaneamente memorial e oferta: “Celebrando, pois, a memória da morte e ressurreição de vosso Filho, nós vos oferecemos, ó Pai, o pão da vida e o cálice da salvação”.<sup>69</sup>

Vejamos primeiramente o caráter memorial: É o memorial de Cristo crucificado e ressuscitado, isto é, o sinal vivo e eficaz do seu sacrifício, cumprido uma vez por todas sobre a cruz, e continuamente agindo em favor de toda a humanidade. A concepção bíblica do memorial aplicada à Eucaristia exprime esta eficácia da obra de Deus, quando ela é celebrada pelo seu povo sob a forma de liturgia.

O termo “memória” poderia ser entendido como evocação sentimental ou intelectual da presença de Jesus; ou uma simples ”comemoração” ou ”lembrança”, o que significaria uma redução ao sentido psicológico e subjetivo. Ao contrário, devemos entender o “memorial como foi entendido no tempo de Cristo, como ato de tornar efetivamente presente um acontecimento do passado. O memorial eucarístico não é, portanto, uma simples evocação de um acontecimento passado ou de seu significado, mas a proclamação eficaz pela Igreja da obra de reconciliação de Deus nele”.

Memorial do quê ou de quem? A expressão ”memória de mim” deve ser entendida como memorial da morte e ressurreição de Jesus (SC 47) e de outros mistérios encontrados nas várias anáforas dos primeiros séculos: paixão, ascensão, vinda gloriosa. O termo que nunca falta nos textos litúrgicos é “morte”, que constitui o núcleo do memorial. Não se trata, portanto, de lembrar apenas a pessoa de Jesus, mas de trazer presente, ritualmente, os fatos de sua vida (principalmente sua morte) nos quais culminou a “história da salvação”. É o memorial de um vivo! Do Cristo Ressuscitado que está presente entre nós e que “preside” de fato nossa celebração.<sup>70</sup>

---

<sup>68</sup> EE n. 8.

<sup>69</sup> OEII.

<sup>70</sup> BUYST, Ione. Eis o Mistério da Fé: A Eucaristia como sacramento pascal. In: CNBB. *A Eucaristia na Vida da Igreja* (Estudos da CNBB n. 89). p. 30.

É também oferta dos mesmos sinais memoriais da páscoa de Jesus, os sinais sacramentais de sua entrega ao Pai, até a morte, do sacrifício espiritual do mártir Jesus. Então, o memorial da morte sacrificial de Cristo se converte em oferecimento, na convicção de que o acontecimento se torne presente na celebração e na vida dos fiéis. O memorial e a oferta possibilitam e requerem nossa participação na entrega de Jesus, pela força do Espírito Santo. Incluem, portanto, o compromisso de vida e transformação pascal (pessoal, comunitário, social) no seguimento de Jesus, até que o Reino esteja totalmente instaurado. O binômio memorial-oferta torna-se na liturgia expressão ritual de toda a nossa vida vivida como sacrifício espiritual, em união com Jesus Cristo, reconhecendo que o Pai é a referência absoluta de nossa vida. Por isso, a finalidade da Eucaristia vai ser precisamente esta: que não só se transformem o pão e o vinho na realidade de Cristo, mas que toda a comunidade se transforme em seu Corpo, que continua sendo seu Corpo único e cheio de vida e, portanto, também oferecido ao Pai em contínua oferenda de si mesma, “viva” e “permanente”.<sup>71</sup> “A anamnese, pela qual, cumprindo a ordem recebida do Cristo Senhor por meio dos apóstolos, a Igreja faz a memória do próprio Cristo, lembrando a sua bem-aventurada paixão, a gloriosa ressurreição e a ascensão aos céus”,<sup>72</sup> e “apresenta ao Pai a oferenda de seu Filho que nos reconcilia com ele”.<sup>73</sup> Assim, a anamnese indica o conteúdo do memorial, citando a morte e ressurreição de Cristo”.<sup>74</sup>

Na oblação, pela qual a Igreja, em particular a assembléia atualmente reunida, realizando esta memória, oferece ao Pai, no Espírito Santo, a hóstia imaculada; ela deseja, porém, que os fiéis não apenas ofereçam a hóstia imaculada, mas aprendam a se oferecer a si

---

<sup>71</sup>Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. pp. 257-261.

<sup>72</sup> IGMR n. 79e.

<sup>73</sup> CIC n. 1354.

<sup>74</sup> CLERK, Paul. *A Celebração Eucarística: seu sentido e sua dinâmica*. In: BROUARD, Maurício. (org). *Eucharistia. Enciclopédia da Eucaristia*. p. 450.

próprios e se aperfeiçoem, cada vez mais, pela mediação do Cristo, na união com Deus e com o próximo, para que, finalmente, Deus seja tudo em todos.<sup>75</sup>

As palavras de Jesus: “*Façam isto em memória de mim*”, não podem ser entendidas como uma simples lembrança de sua pessoa, mas devem ganhar a densidade bíblica e teológica de um “memorial”, uma ação simbólica, ritual, sacramental, que permite tornarmo-nos participantes da páscoa de Cristo e passarmos, juntamente com ele, da morte para a vida. Em seguida, a oração continua com a oferenda que a Igreja faz da oblação de Cristo ao Pai. Estamos aqui diante de uma oração tipicamente performativa, na qual a Igreja diz o que faz; seus termos definem do melhor modo o conteúdo da Eucaristia.<sup>76</sup>

A compreensão da natureza do memorial e da oferenda da Igreja durante a solene Oração eucarística é um momento privilegiado para entrar de forma plena e frutuosa no mistério pascal do Senhor que nos convida através do Apóstolo Paulo: “a vos oferecerdes em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus: este é o vosso verdadeiro culto” (Rm 12,1).

## 2.7 Epiclese de Comunhão

Após o memorial e seu oferecimento a Deus, segue-se na Oração eucarística romana a segunda epiclese, sobre os comungantes, pedindo a Deus que, por meio de seu Espírito, conceda à comunidade que está celebrando a memória da páscoa de Cristo, uma comunhão frutuosa. O objetivo é “que a hóstia imaculada se torne a salvação daqueles que vão recebê-la na comunhão”,<sup>77</sup> os quais, por sua vez, tornam-se um só corpo e um só espírito<sup>78</sup>. Por isso esta segunda chama-se “epiclese de comunhão”. Como em Pentecostes o Espírito encheu de sua vitalidade a Igreja nascente, agora, ao celebrar a Eucaristia, a comunidade deseja transformar-se, ela mesma no Corpo de Cristo.

<sup>75</sup> SC n. 48.

<sup>76</sup> BUYST, Ione. Eis o Mistério da Fé. A Eucaristia como sacramento pascal. In: CNBB. *A Eucaristia na Vida da Igreja*. (Estudos da CNBB n. 89) p.38.

<sup>77</sup> IGMR n. 79c.

<sup>78</sup> CIC n. 1353.

Se a primeira epiclese pedia a verdade do Corpo eucarístico de Cristo, agora se tem em vista o que podemos considerar como a finalidade última do sacramento: a construção e a maturação do Corpo eclesial de Cristo. A finalidade última da Eucaristia é que a comunidade celebrante, participando nesse pão que se converteu no Corpo de Cristo, seja ela mesma corpo único e unido de Cristo. O Espírito transforma o pão e o vinho para, por meio deles, transformar a comunidade e amadurecê-la na união com Cristo.<sup>79</sup>

Nossa inserção no processo de crescimento eclesial ocorre segundo o ritmo da transformação que acontece precisamente no ritmo de nossas eucaristias. Todavia, fica evidente o papel do Espírito Santo, por meio do qual se realiza tudo.

É, de fato, o Espírito que, por assim dizer, age com a finalidade de garantir a Deus Pai e à Igreja em oração o fim que, de comum acordo, um e outro se prefixaram: a interação dinâmica dos dois Corpos de Cristo. Por isso, o Espírito é invocado também sobre os fiéis, para que estes, recebendo o dom eucarístico de Cristo e cheios do amor, da vida, da unidade, da santidade e da verdade do Espírito, se convertam no que deveriam ser: o corpo vivo de Cristo.

## 2.8 Intercessões

As intercessões são invocações pela Igreja, onde quer que ela se encontre. Na realidade, dentro da estrutura da Oração eucarística, constituem a continuação da epiclese sobre os comungantes. Esta pedia que a assembléia reunida na Eucaristia se transformasse pela comunhão no Corpo eclesial de Cristo,<sup>80</sup> o que equivale ao pedido de que a Eucaristia faça crescer a comunhão da Igreja.<sup>81</sup> Portanto a Oração eucarística, neste ponto, assume um caráter mais

<sup>79</sup> Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. pp. 267-271.

<sup>80</sup> GIRAUDO, Cesare. *Redescobrimo a Eucaristia*. (Tradução – Francisco Taborda). p. 46.

<sup>81</sup> Cf. CLERK, Paulo. A Celebração Eucarística: seu sentido e sua dinâmica. In: BROUARD, Maurício. (org). *Eucharistia. Enciclopédia da Eucaristia*. pp. 450-451.

suplicante. Pelas intercessões, exprime-se a comunhão com toda a Igreja, tanto celeste como terrestre, contemplando-se todos os membros vivos e defuntos, chamados a participar da redenção e da salvação obtidas pelo corpo e sangue de Cristo.<sup>82</sup>

Também cabe notar que as intercessões se distinguem das preces dos fiéis, pois não repetem o que lá foi pedido. Agora, o presidente, unindo à intercessão de Cristo sacerdote, pede pela Igreja e sua maturação como Corpo de Cristo, acentuando o tom de “comunhão eclesial” da assembléia celebrante quando suplica na Oração eucarística IV: “e a todos nós vossos filhos e filhas, concedei [...] que com a Virgem Maria, Mãe de Deus, com os apóstolos e todos os santos possamos alcançar a herança eterna no vosso reino”.<sup>83</sup>

A Igreja é entendida aqui em toda a sua dimensão: a Igreja peregrina com seu povo e seus pastores; a dos defuntos, bem presentes e encomendados a Deus; e dos santos, sobretudo a Virgem Maria e os Apóstolos, com os quais estamos muito unidos. Na Eucaristia, se realiza a comunhão, não como um grupo particular, mas com toda a Igreja e em especial com seus pastores. Assim sendo, junto com a Igreja peregrina, com todos os de boa vontade, junto com os defuntos e os bem aventurados caminhamos para a salvação plena, em união com toda a criação, já livre do pecado e da morte. A Eucaristia converte-se, assim, no centro da realidade cósmica e da história, que vai amadurecendo a comunidade celebrante para que se torne o verdadeiro Corpo de Cristo e sinal vivo de sua salvação no meio do mundo, “até que ele venha.”

Nossa comunidade que celebra a Eucaristia, animada por seu Espírito, tem o olhar voltado para as realidades últimas, para o reino escatológico de Cristo, onde os santos já incorporaram, em sua vida e sua morte, a salvação pascal de Cristo. E continuam pertencendo à nossa família. Estamos unidos a eles. São nossos modelos de vida

---

<sup>82</sup> IGMR n. 79g.

<sup>83</sup> OEIV Intercessão da Igreja.

evangélica. Pede-se a Deus que se lembre da vida e dos méritos deles, para que sejam também comunicadas a nós as bênçãos que desceram sobre eles. Como também, pede-se por todos os defuntos, para que o Senhor lhes conceda o lugar de consolo, da paz e da luz, e que, sendo recebidos no Reino de Deus, possam contemplar a luz do seu rosto. Assim, proclamamos a dimensão escatológica da Eucaristia, como nos ensina o Catecismo da Igreja Católica. “Desta grande esperança, a dos céus novos e da terra nova nos quais habitará a justiça, não temos penhor mais seguro, sinal mais manifesto do que a Eucaristia”.<sup>84</sup> Portanto, esta dinâmica escatológica da Eucaristia nos dá o sentido pleno das intercessões da Oração eucarística. Deste modo, as intercessões e a epiclese de comunhão constituem uma súplica ao Pai pela Igreja reunida em assembléia que participa dos sagrados mistérios.

A Igreja suplica para se tornar o corpo eclesial do Cristo que receberá ritualmente na comunhão sacramental. Este é o verdadeiro e pleno sentido da participação na Oração eucarística que faz da assembléia participante o corpo eclesial de Cristo, na esperança de que seja “tudo em todos”.<sup>85</sup> Podemos compreender que a participação na Oração eucarística de maneira “ativa, consciente, plena e frutuosa” é uma exigência da sua própria natureza.

## **2.9 Doxologia Final**

Por Cristo,  
Com Cristo,  
Em Cristo,  
A Vós, Deus Pai todo-poderoso,  
Na unidade do Espírito Santo,  
Toda a honra e toda a glória,  
Agora e para sempre.  
**Amém.**

---

<sup>84</sup> CIC nn. 1402; 1405.

<sup>85</sup> 1Cor 15,28.

A doxologia final, exprime a glorificação de Deus, e é confirmada e concluída, pela aclamação Amém do povo.<sup>86</sup> A Oração eucarística culmina enfim, com a doxologia, a glória que a Igreja dá ao Pai. Ela o faz com a ajuda de uma fórmula cristológica extremamente rica. Pelo Cristo seu Senhor cujo corpo ela forma, nele que é sua vida, a Igreja dá ao Pai em unidade com o Espírito Santo, toda honra e toda glória.

Esse final corresponde simetricamente ao diálogo inicial: “Demos graças ao senhor nosso Deus”: o diálogo exprime o sentido, a oração o realiza, e a doxologia põe o selo, enquanto o presidente apresenta os santos dons em um gesto de oblação que merece, ao contrário do uso, o título de “grande elevação”.<sup>87</sup>

A Oração eucarística se conclui com a doxologia que coroa o crescendo escatológico que se foi formando com a sucessão das intercessões, pois, geralmente, a última intercessão fala da pátria celestial na qual entraremos no perpétuo louvor a Deus, antecipado na doxologia final. Este louvor trinitário é dirigido ao Pai, por meio de Cristo, cujo mistério pascal celebramos, na unidade do Espírito Santo. É interessante observar o ritmo tanto descendente como ascendente desta benção final da oração, com Cristo único mediador entre Deus e a humanidade.

Esta dupla mediação, Cristo a exerce de modo especial na celebração da Eucaristia. Ao tornar presente no meio de sua comunidade sua entrega ao Pai na cruz, ele nos abençoa plenamente e nos faz alcançar a salvação. Mas também, bendiz perfeitamente o Pai em união com sua Igreja.

A doxologia encerra a Oração eucarística com uma maior orientação ao reino definitivo, na qual pedimos a Deus que nos introduza para podermos glorificá-lo sem fim.

---

<sup>86</sup> IGMR n. 79h.

<sup>87</sup> CLERK, Paul. A Celebração Eucarística: seu sentido e sua dinâmica. In: BROUARD, Maurício. (org). *Eucharistia. Enciclopédia da Eucaristia*. p. 451.

Nesse sentido, a doxologia se configura como retorno do louvor inicial encaminhado pelo prefácio. Eis, portanto, a natureza da doxologia que encerra a maior oração de louvor e ação de graças, que é a Eucaristia.

### **AMÉM**

Ao terminar a solene Oração eucarística, a assembléia celebrante responde com a aclamação do Amém. É a expressão mais breve e condensada de seu assentimento ao que o presidente proclamou em seu nome. É o assentimento da comunidade que se apropria da oração, e que convém lembrar o testemunho de Justino, no século II:

Tendo o presidente terminado as orações e ação de graças, todo o povo presente aclama dizendo: Amém. Amém significa, em hebraico, assim seja.<sup>88</sup>

Respondendo “amém” à oração presidencial, a assembléia aclama a Deus Pai: É assim! “É verdade tudo o que o presidente disse!” É a nossa voz!” “Respondendo amém”, a comunidade cultural, por essa aclamação, faz sua a oração do presidente e se une a ele sem reserva. Por aí se mostra que pronunciar o ‘amém” é expressão de um compromisso tão significativo quanto pronunciar a oração que o “amém” confirma.<sup>89</sup>

O estudo da Oração eucarística em geral e em suas partes reforçou a questão fundamental de colocar em evidência qual é a essência da verdadeira participação. Esta, consiste em “uma maior consciência do mistério que é celebrado e também da sua relação com a vida cotidiana”.<sup>90</sup>

A participação na Oração eucarística vai muito além do seu entendimento só com a inteligência. A coisa mais importante é inscrever a própria vida na esteira de Jesus, que, na véspera da sua paixão, levou ao extremo o seu amor, oferecendo-nos a sua vida. O essencial

<sup>88</sup> Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. pp. 281-282.

<sup>89</sup> GIRAUDO, Cesare. *Redescobrimo a Eucaristia*. (Tradução – Francisco Taborda). p. 80.

<sup>90</sup> EAPSSC n. 52.

consiste, portanto, em render graças, em festejar a Deus pela fecundidade da morte e ressurreição de Jesus.

Enfim, a oração de ação de graças sacrificial e a comunhão no Corpo e no Sangue do Senhor são momentos de uma ação dinâmica e globalizadora. Faz-se mister uma autêntica participação na oração, centro de toda a celebração, “prece de ação de graças e santificação”. E isto só se consegue mais plenamente na medida em que toda a assembléia, unida ao presidente da Eucaristia, viva intensamente cada momento que compõe a Oração eucarística.

A partir deste aprofundamento da natureza da Oração eucarística em geral, vamos estudar no próximo capítulo a quarta Oração eucarística como objeto material da referida dissertação.

## CAPÍTULO II

### APROFUNDANDO A QUARTA ORAÇÃO EUCARÍSTICA

A partir do estudo realizado no primeiro capítulo e tendo em vista que “a fé da Igreja é essencialmente fé eucarística e alimenta-se, de modo particular, à mesa da Eucaristia”,<sup>91</sup> consideramos que a Oração eucarística é o resumo e a súpula da nossa fé. Para mostrar a importância da participação de toda a assembleia litúrgica na Oração eucarística, escolhemos aprofundar neste capítulo a quarta Oração eucarística em suas fontes históricas, bíblico-teológicas e seu caráter modelar para a oração cristã em geral, com a finalidade de ajudar todos os membros da assembleia litúrgica a penetrarem no mistério eucarístico, “fonte e ápice de toda a vida cristã”.<sup>92</sup> E penetrar no mistério eucarístico é condição para a autêntica participação na Oração eucarística. Portanto, o sentido e objetivo deste capítulo é mostrar a riqueza de uma Oração eucarística especial como suporte para todas as outras no enfoque do mistério e, assim, demonstrar que sem uma noção do mistério é praticamente impossível a autêntica participação da assembleia na proclamação de qualquer Oração eucarística.

Na quarta Oração eucarística, de forma peculiar, a Igreja expressa sua fé eucarística e sua compreensão do mistério cristão. “Neste sentido, a quarta Oração, na linha de muitas orações orientais, é um autêntico ‘credo’, uma profissão de fé resumida que abarca, desde a realidade suprema de Deus em si mesmo, a criação, a redenção, até o mistério da Igreja e a escatologia”.<sup>93</sup> É uma “oração que nos educa em nossas atitudes espirituais de fé”.<sup>94</sup> A

---

<sup>91</sup> EAPSSC n. 6.

<sup>92</sup> LG n. 11; SC n.10; PO n.5; SCn.47.

<sup>93</sup> ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. p. 283.

<sup>94</sup> Cf. *Imagens de la fé*, n. 140; original francês: *Il est grand le mystère de la foi: Doc. Cathol.* 17 dez. 1977.

participação “consciente, ativa e plena” nesta Oração ajudará a dar “uma forma eucarística à própria vivência cristã da fé”.<sup>95</sup>

### 1. História e Fontes da Oração eucarística IV

Paulo VI, em 1966, tomou a histórica decisão de mandar preparar três novas Orações eucarísticas, deixando intacto o Cânon romano. Por isso, dentre os “resultados imediatos da reforma litúrgica, promovida pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, estão as três novas Orações eucarísticas”<sup>96</sup>, e dentre elas se destaca a Oração IV, que iremos aprofundar.

No encontro salutar entre tradição e renovação, a Oração eucarística IV foi inspirada na anáfora de São Basílio (séc. IV), em analogia às anáforas orientais, passando a vigorar em 1968. Nela, a Eucaristia é proclamada em seu significado mais profundo, à luz da história das alianças. Ela aparece no centro da plenitude dos tempos, memorial do evento culminante da Páscoa, novo e definitivo pacto entre Deus e os homens.<sup>97</sup>

Esta Oração deve ser usada integralmente, sem possibilidade de substituição de suas partes. O prefácio também é invariável. Em comparação com o Cânon romano e com as outras Orações eucarísticas, a quarta se destaca imediatamente por duas notas principais. A primeira nota mostra a estrutura da Oração completa que comporta um prefácio invariável, e a segunda, depois do *Sanctus*, apresenta uma exposição muito exata da realização da história da salvação. “Esta nova oração quer, claramente reconhecer certos valores bíblicos e cristãos fundamentais recolocados em evidência no Concílio Ecumênico Vaticano II”.<sup>98</sup>

---

<sup>95</sup> EAPSSC n. 76.

<sup>96</sup> COSTA, Valeriano dos Santos. *Celebrar a Eucaristia: tempo de restaurar a vida*. pp. 69-70.

<sup>97</sup> ANGEL, Miguel D’Annibale. *A Celebração Eucarística*. In: CELAM. Manual de Liturgia III. A celebração do mistério pascal. CELAM. pp.159-160.

<sup>98</sup> Cf. GELINEAU, Joseph. *La Quarta Preghiera Eucaristica*. In: *Le Nuove Preghiere Eucaristiche*. pp. 51-59.

É um pouco mais longa do que todas as outras Orações eucarísticas, devido a certa imitação e inspiração de modelos orientais. Por esta razão, ela nos apresenta uma catequese fascinante da oração. “A Oração IV parece a mais próxima da ‘bênção’ hebraica e, deve ser destacada, sobretudo, a composição longa e bela da anamnese de toda a história da salvação”.<sup>99</sup> Inspirada na anáfora de São Basílio, é exemplar em sua estrutura e em seu conteúdo. Analisando esta Oração, segundo o estudo de O. Casel em “*Le Memorial du Seigneur dans la liturgie de l’antiquité Chrétienne*”<sup>100</sup>, que tanto contribuiu para renovação litúrgica.

Esta Oração esforça-se para resgatar as linhas mestras da Eucaristia cristã, ressaltando as raízes judaicas e as paralelas helenísticas. Percebe-se, de início, na Eucaristia uma “teologia” em forma de um hino de louvor ao Deus transcendente, criador e organizador do mundo. Por isso o prefácio da Oração eucarística inicia a ação de graças louvando a Deus em si mesmo, para, no pós-*sanctus*, prosseguir a confissão da permanente fidelidade de Deus, apesar da constante infidelidade humana.

Esta quarta Oração apresenta uma novidade absoluta em relação à prece judaica: “a economia” que ela celebra atingindo seu auge na encarnação do Verbo, na sua morte e ressurreição, num memorial que é uma ação de redenção e salvação, pois todos às vezes que celebramos este sacrifício, torna-se presente a nossa redenção. Apresenta uma riqueza muito grande do ponto de vista teológico na proclamação da economia da salvação e do memorial, sobretudo pela ampliação com a qual é tratada cada uma das etapas da ação de graças.

---

<sup>99</sup> NOCENT, A. História da celebração da Eucaristia. In: V.V.A.A. *A Eucaristia. Teologia e história da celebração*. Anamnese 3. p. 274.

<sup>100</sup> CASEL, O. “*Le Memorial du Seigneur dans la liturgie de l’antiquité Chrétienne*”, Lex Orandi 2, Paris, 1945.

## 2. Motivos que levaram à criação de novas Orações eucarísticas

A motivação que inspirou a história da criação das novas Orações eucarísticas, que passaram oficialmente ao Missal Romano editado em 1970, se deu por alguns fatos:

Pela multiplicidade das anáforas que nos permite exprimir de maneira mais adequada a fé da Igreja na Eucaristia e a compreensão que ela tem da história da salvação, que na Eucaristia encontra precisamente sua expressão sintética. É na quarta Oração que melhor se vê a importância do louvor e da ação de graças ao Pai, por Jesus Cristo no Espírito Santo por toda a história da salvação.<sup>101</sup>

A compreensão da história e das fontes desta Oração eucarística que apresentamos de forma breve nos mostra que a motivação fundamental da Igreja ao elaborar a referida Oração é celebrar a realização da salvação no hoje da história, em ações que são, ao mesmo tempo, de Cristo e da comunidade cristã. A Eucaristia é o sacramento vivo de Cristo e da salvação realizada nele.

A Igreja busca a compreensão profunda do mistério da salvação em Cristo, celebrado e atualizado por meio de uma autêntica proclamação da Oração eucarística, com o intuito de conhecê-lo mais a fundo e celebrá-lo bem, pois, em certos momentos da história da Igreja, ocorreu uma progressiva distância da compreensão e da participação na Eucaristia devido à mudança de textos e à forma de proclamá-los.

Por isso, a reforma litúrgica do Concílio Ecumênico Vaticano II cuidou de vasculhar a Tradição em busca da autenticidade dos textos e da forma mais autêntica de proclamação. Então, a Oração que, antes da referida reforma estava sendo recitada em voz baixa pelo sacerdote, (provavelmente por causa de um maior sentido de mistério e de reverência), levando à distância cada vez maior do povo cristão, deixando-o totalmente

---

<sup>101</sup> ALDAZÁBAL. José. *A Eucaristia*. p. 340.

passivo neste momento da celebração, tornou-se agora um texto antigo e novo (reformado) proclamado em alta voz;

A compreensão da composição da quarta Oração no contexto da reforma litúrgica revela-nos a mudança teológica na compreensão da natureza da Oração eucarística e a conseqüente sensibilidade, com relação ao primado da celebração e a participação sacramental de toda a assembléia litúrgica neste momento central da Eucaristia, conforme já abordamos no capítulo anterior, quando tratamos, embora que brevemente, da história evolutiva da Oração eucarística, desde o seu gênero literário e a sua natureza teológica.<sup>102</sup>

### **3. O Texto da Quarta Oração eucarística<sup>103</sup>**

A quarta Oração eucarística tem uma estrutura unitária; linguagem clara; uma dupla epiclese ou invocação do Espírito Santo (antes e depois da consagração); a aclamação dos fiéis depois da consagração; as intercessões antes da doxologia final; a disposição ordenada dos vários elementos constitutivos; o que dá a perfeita unidade à Oração eucarística.

Para demonstrar a riqueza bíblica desta Oração, apresentamos em seguida o texto da quarta oração eucarística com as devidas indicações bíblicas em notas de rodapé. Catalogamos oitenta referências, o que mostra o teor bíblico da quarta Oração.

#### **3.1. Diálogo**

Senhor esteja convosco.<sup>104</sup>

Ele está no meio de nós.

Corações ao alto.

---

<sup>102</sup> Ibidem, p.341.

<sup>103</sup> Missal Romano. pp. 488-494.

<sup>104</sup> Lc 24,36; Jo 20,19-21.

O nosso coração está em Deus.<sup>105</sup>  
 Demos graças ao Senhor, nosso Deus.<sup>106</sup>  
 É nosso dever e nossa salvação.

### 3.2. Prefácio. Ação de graças ao Pai

Na verdade, ó Pai, é nosso dever dar-vos graças, é nossa salvação dar-vos glória:<sup>107</sup>  
 só vós sois o Deus vivo e verdadeiro<sup>108</sup> que existis antes de todo o tempo e permanecéis para  
 sempre, habitando em luz inacessível.

Mas, porque sois o Deus de bondade e a fonte da vida fizeste todas as coisas para  
 cobrir de bênçãos as vossas criaturas e a muitos alegrar com a vossa luz.<sup>109</sup>

O povo aclama:

*Alegrai-nos, ó Pai, com a vossa luz!*

Eis, pois, diante de vós todos os anjos que vos servem e glorificam sem cessar,  
 contemplando a vossa glória.<sup>110</sup>

Com eles também nós e, por nossa voz, tudo o que criastes, celebramos o vosso  
 nome, cantando (dizendo) a uma só voz:

### 3.3. Aclamação da assembléia: *Sanctus*

Santo, Santo, Santo,<sup>111</sup>

Senhor Deus do Universo!

O Céu e a terra proclamam a vossa glória.<sup>112</sup>

---

<sup>105</sup> Sl 119,11.

<sup>106</sup> 1Cr 16,34; 2Cr 30,22; Sl 75,9; Sl 79,13.

<sup>107</sup> 1Cr 16,29; 1Cr 29,13.

<sup>108</sup> 1Sm 17,26; 2Rs 19,4; Nm 14,21; Dt 6,4; 1Cor 8,4; Cf 14,6; Rm 9,26; Os 2,1; Mt 16,16; Hb 10,31; 12,22;  
 At 14,15; 1Pd 1,23; Ap 4,10; 7,25.

<sup>109</sup> Ex 34,6; 1Tm 6,16; Sl 35,10; Tt 3,4; Lc 18,19; Gn 1,31; At 14,16; At 17,25.

<sup>110</sup> Hb 1,6; Ap 7,11-12; Ap 5, 11-12.

<sup>111</sup> Is 6, 3; Ap 4, 8.

<sup>112</sup> Sl 1, 21,2; Sl 1 24,8.

Hosana nas alturas!

Bendito o que vem em nome do Senhor!

Hosana nas alturas!<sup>113</sup>

### **3.4. Prolongamento da ação de graças**

Nós proclamamos a vossa grandeza, Pai santo, a sabedoria e o amor com que fizestes todas as coisas: criastes o homem e a mulher à vossa imagem e lhes confiastes todo o universo, para que, servindo a vós, seu Criador, dominassem toda criatura.<sup>114</sup>

E quando pela desobediência perderam a vossa amizade, não os abandonastes ao poder da morte, mas a todos socorrestes com bondade, para que, ao procurar-vos, vos pudessem encontrar.<sup>115</sup>

O povo aclama:

*Socorrei, com bondade, os que vos buscam!*

E, ainda mais, oferecestes muitas vezes aliança aos homens e às mulheres e os instruístes pelos profetas na esperança da salvação.<sup>116</sup>

E de tal modo, Pai santo, amastes o mundo que, chegada a plenitude dos tempos, nos enviastes vosso próprio Filho para ser o nosso Salvador.<sup>117</sup>

O povo aclama:

*Por amor nos enviastes vosso Filho!*

Verdadeiro homem, concebido do Espírito Santo e nascido da Virgem Maria,<sup>118</sup> viveu em tudo a condição humana, menos o pecado, anunciou aos pobres a salvação, aos oprimidos a liberdade, aos tristes a alegria.<sup>119</sup>

---

<sup>113</sup> Mt 21,9; Mc 11,9-10; Sl 118, 25-26.

<sup>114</sup> Gn 1, 26-27; Pr 3,19ss; Sl 104,24; Gn 1,28-30; Sl 8,6-9; Sl 9,2-3.

<sup>115</sup> Gn 3, 6; Rm 5,19; Rm 11,32; At 17,26-27.

<sup>116</sup> Gn 6, 18; Rm 9,4.

<sup>117</sup> Jo 3,16-17; Hb 1,1; G 14,4;

<sup>118</sup> Mt 1,18; Lc 1,35; Mt 1,20.

<sup>119</sup> Lc 4,16-21; Is 61, 1-4; Mt 5, 3-12; Lc 6,20-23.

E, para realizar o vosso plano de amor, entregou-se à morte e, ressuscitando dos mortos, venceu a morte e renovou a vida.

O povo aclama:

*Jesus Cristo deu-nos vida por sua morte!*

E, a fim de não mais vivermos para nós, mas para ele, que por nós morreu e ressuscitou, enviou de vós, ó Pai, o Espírito Santo,<sup>120</sup> como primeiro dom aos vossos fiéis para santificar todas as coisas, levando à plenitude a sua obra.

O povo aclama:

*Santificai-nos pelo dom do vosso Espírito!*

### **3.5. Primeira epiclese: invocação para que o Espírito atue sobre as oferendas**

Por isso nós vos pedimos que o mesmo Espírito Santo santifique estas oferendas, a fim de que se tornem o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, Vosso Filho e Senhor nosso, para celebrarmos este grande mistério que ele nos deixou em sinal da eterna aliança.

O povo aclama:

*Santificai nossa oferenda pelo Espírito!*

### **3.6. Relato da última ceia: consagração**

Quando, pois, chegou a hora, em que por vós, ó Pai, ia ser glorificado, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim.<sup>121</sup>

---

<sup>120</sup> Mc 13,11; Mt 10, 36; Jo 7,39; Jo 14, 26; Jo 16, 13-15; At 1,8; Lc 24, 47-48.

<sup>121</sup> Jo 13, 1; Jo 17, 1.

Enquanto ceavam, ele tomou o pão, deu graças e o partiu e deu a seus discípulos, dizendo: TOMAI, TODOS E COMEI: ISTO É O MEU CORPO QUE SERÁ ENTREGUE POR VÓS.

Do mesmo modo, ele tomou em suas mãos o cálice com vinho, deu graças novamente, e o deu a seus discípulos, dizendo: TOMAI, TODOS E BEBEI: ESTE É O CÁLICE DO MEU SANGUE, O SANGUE DA NOVA E ETERNA ALIANÇA, QUE SERÁ DERRAMADO POR VÓS E POR TODOS PARA REMISSÃO DOS PECADOS. FAZEI ISTO EM MEMÓRIA DE MIM.<sup>122</sup>

### 3.7 Aclamação da assembléia

**Eis o mistério da fé!**<sup>123</sup>

O povo aclama:

*Anunciamos, Senhor, a vossa morte<sup>124</sup> e proclamamos a vossa ressurreição.*

*Vinde, Senhor Jesus!*

Ou:

*Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice, anunciamos, Senhor, a vossa morte, enquanto esperamos a vossa vinda!*

Ou:

*Salvador do mundo, salvai-nos, vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição.*

---

<sup>122</sup> Mt 27,26-29; Mc 14 ,22-25; Lc 22, 39-46; Jo 13,31-34; Jo 16,32.

<sup>123</sup> 1Tm 3,9.

<sup>124</sup> 1Cor 11,26.

### **3.8. Memorial e oferenda: “*memores offerimus*”**

Celebrando, agora, ó Pai, a memória da nossa redenção, anunciamos a morte de Cristo e sua descida entre os mortos, proclamamos a sua ressurreição e ascensão à vossa direita, e, esperando a sua vinda gloriosa, nós vos oferecemos o seu Corpo e Sangue, sacrifício do vosso agrado e salvação do mundo inteiro.

O povo aclama:

*Recebei, Ó Senhor, a nossa oferta!*

### **3.9. Segunda epiclese: invocação do Espírito sobre os que vão comungar**

Olhai, com bondade, o sacrifício que destes à vossa Igreja e concedei aos que vamos participar do mesmo pão e do mesmo cálice que, reunidos pelo Espírito Santo num só corpo, nos tornemos em Cristo um sacrifício vivo para o louvor da vossa glória.

O povo aclama:

*Fazei de nós um sacrifício de louvor!*

### **3.10. Intercessões: Comunhão eclesial**

E agora, ó Pai, lembrai-vos de todos pelos quais vos oferecemos este sacrifício: o vosso servo o papa N., o nosso bispo N., os bispos do mundo inteiro, os presbíteros e todos os ministros, os fiéis que, em torno deste altar, vos oferecem este sacrifício, o povo que vos pertence e todos aqueles que vos procuram de coração sincero.

O povo aclama:

*Lembraí-vos, ó Pai, dos vossos filhos!*

Lembrai-vos também dos que morreram na paz do vosso Cristo e de todos os mortos dos quais só vós conhecestes a fé.

*O povo aclama:*

*A todos saciai com vossa glória!*

E a todos nós, vossos filhos e filhas, concedei ó Pai de bondade, que, com a Virgem Maria, mãe de Deus, com os Apóstolos e todos os Santos, possamos alcançar a herança eterna no vosso reino, onde, com todas as criaturas, libertas da corrupção do pecado e da morte, vos glorificaremos por Cristo, Senhor nosso.

O povo aclama:

*Concedei-nos o convívio dos eleitos!*

Por ele dais ao mundo todo bem e toda graça.

### **3.11. Doxologia Final**

Por Cristo,  
Com Cristo,  
Em Cristo,  
A Vós, Deus Pai todo-poderoso,  
Na unidade do Espírito Santo,  
Toda a honra e toda a glória,  
Agora e para sempre.

O povo aclama:

*Amém.*

## **4. Sua Fundamentação Bíblica**

A dimensão bíblica da quarta Oração eucarística é visível, como podemos observar nas oitenta referências bíblicas em notas de rodapé do seu texto acima. Isso

comprova que o texto da quarta Oração eucarística, no seu gênero literário, aproxima-se muito mais do gênero bíblico do que aquele da literatura latina cristã antiga. Por isso, esta Oração representa uma grande inovação da reforma litúrgica, pois, não se apóia na língua litúrgica clássica, mas opta por uma linguagem bíblica como meio de traduzir o mistério da fé. A abordagem dos principais elementos bíblicos ajuda-nos a perceber uma teologia de enfoque mais bíblico. Trata-se de entender melhor e celebrar mais vivamente a Eucaristia, partindo da própria vontade de Cristo. A Igreja está baseada no dado bíblico revelado e cada oração litúrgica é, no sentido literário, bíblica, pelo menos na inspiração. Procuremos agora o influxo da Escritura na quarta Oração eucarística, que é direto e múltiplo.

Ao longo de toda a quarta Oração eucarística percebemos um aflorar quase contínuo de textos de várias passagens das Escrituras, de citações implícitas e de expressões bíblicas presentes em todo o seu vocabulário, mais do que aparece no latim religioso dos antigos sacramentários romanos. Todo esse conjunto de elementos bíblicos quer responder à expectativa dos nossos contemporâneos, com relação à Eucaristia, colocando em evidência o amor de Deus pela humanidade.

Vimos também que a oração nos apresenta o desenrolar histórico-salvífico que culmina na redenção, cujo memorial é a celebração pascal da eucaristia e nos conduz à Parusia na força do Espírito Santo. O Primeiro Testamento prepara e já inicia o processo salvífico que culmina na redenção, da qual a eucaristia é sacramento. Por isto, constatamos vinte e três referências bíblicas do Antigo Testamento. Portanto, a quarta Oração eucarística, do ponto de vista bíblico, é riquíssima. Ela consegue abranger a totalidade da história e do universo, concretizando a visão do Concílio Ecumênico Vaticano II, que apresenta a Igreja como sacramento da salvação universal. O espírito missionário do Concílio tem um feliz influxo na composição desta Oração. Trata-se agora de apresentar uma síntese da

fundamentação bíblica da Eucaristia para entrar de alguma maneira na mentalidade de Cristo e de sua primeira comunidade e aprender o que é a Eucaristia para eles.<sup>125</sup> A finalidade é entender a riqueza da Eucaristia, tal como aparece na quarta Oração eucarística. Deste modo, os que dela participam conscientemente e plenamente podem colher mais abundantemente os frutos espirituais do mistério eucarístico celebrado.

A universalidade da história, presente já no prefácio, que introduz o *sanctus* citando Apocalipse 5,13, atinge o seu vértice na doxologia conclusiva que lembra claramente a Carta aos Romanos, 2,1 e o advento dos novos céus e da nova terra, anunciados na segunda carta de Pedro 3,12-13. Deste modo, o mistério eucarístico não atinge somente aqueles que estão participando da assembléia litúrgica, mas toda a Igreja, toda a humanidade de todos os tempos, e, através do homem, toda a criação em vista da plena comunhão.<sup>126</sup>

Por meio do mistério pascal realiza-se a renovação de todas as coisas, segundo a citação do Apocalipse 21,5. A Oração apresenta o mistério da morte e ressurreição do Senhor e a nossa participação neste mesmo mistério pela graça do Espírito Santo no Batismo de cada fiel, e, enfim, de toda a Igreja com o seu Senhor no momento da anamnese.

Fica evidente nesta quarta Oração eucarística o louvor e a ação de graças que perpassa toda a oração. Na eucaristia, a Igreja unida a Cristo bendiz, louva, agradece e glorifica o Pai na força do Espírito Santo.

Esta Oração nos propicia entrar nesse clima fundamental de agradecimento, fazendo-nos apreciar os dons divinos; neles se manifestam a “sabedoria e a bondade” de todo o plano da salvação e a bondade que derrama os benefícios da presença sacramental de Cristo, do seu sacrifício e da sua refeição, para o crescimento da Igreja e do cristão em particular.

---

<sup>125</sup> Cf. ALDAZÀBAL, José. *A Eucaristia*. pp. 124-125.

<sup>126</sup> Cf. GELINEAU, Joseph. *La Quarta Preghiera Eucarística*. In: *Le Nuove Preghiere Eucaristiche*. pp. 54-55.

A proclamação da quarta Oração eucarística nos faz mergulhar mais plenamente no mistério da palavra revelada na história da salvação e atualiza agora, no hoje da ação litúrgica. Vejamos ainda, a riqueza da inspiração bíblica nesta Oração.

#### 4.1 “Façam isto em memória de Mim”<sup>127</sup>

O aprofundamento da dimensão bíblica da referida Oração nos conduz à compreensão da Eucaristia no Novo Testamento e sua permanência ininterrupta na vida da Igreja, graças a uma ordem precisa dada por Cristo a seus discípulos no decorrer de sua última ceia pascal: “Façam isto em minha memória”.<sup>128</sup> “O nosso Salvador instituiu na última ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício Eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar, pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da Cruz, confiando à Igreja, sua Esposa amada, o memorial da sua Morte e Ressurreição”.<sup>129</sup>

O que o Salvador instituiu na noite em que foi entregue, é o dom de si mesmo; levado pelo seu amor extremo: Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo que tinha chegado a hora da sua passagem deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, levou seu amor por eles até o extremo” (Jo13,1). Desse modo, a quarta Oração eucarística inicia o relato da última ceia e da consagração com estas palavras do evangelho de João, conforme já vimos nos elementos bíblicos presentes nela. A instituição da sagrada Eucaristia é o dom do amor em pessoa, é Deus que se dá a si mesmo no sacramento da Páscoa de Cristo. Jesus instituiu este sacramento por um rito que perpetua o dom da sua vida em sacrifício de expiação pelos pecados e traduz este seu sentido por um gesto de serviço, o lava-pés.<sup>130</sup>

A partir daí, a comunidade cristã se reúne em assembléia eucarística, sobretudo aos domingos, para celebrar o que chamava de “a fração do pão” e também “a ceia do Senhor”, em obediência à ordem de Jesus.

---

<sup>127</sup> Lc 22,19.

<sup>128</sup> Lc 22,19.

<sup>129</sup> SC n. 47.

<sup>130</sup> Cf. MARCH, Ouellet. Documento teológico de Base para o Congresso Eucarístico Internacional de Quebec – Canadá – 2008. *A Eucaristia: Dom de Deus para a vida do Mundo*. p.15.

#### 4.2. A Praxe Eucarística na Igreja primitiva .

A Igreja primitiva fundamenta sua vida na Eucaristia. A partilha do pão e do vinho abençoados significa a comunhão com Deus e com os irmãos e nenhum outro sacrifício é aceito. A Eucaristia é o encontro máximo com o ressuscitado. Os que comungam o corpo e o sangue de Cristo devem viver unidos na comunidade. Com referência à vida eclesial, a Eucaristia é celebrada e edifica a comunidade,<sup>131</sup> onde aparece fazendo parte do conjunto da vida comunitária.

A Eucaristia mostra um contexto de vida nova, em meio à vivência cristã dada pelos passos da pregação, da conversão, da fé e do Batismo. Gestos e as palavras propõem a celebração eucarística num contexto de salvação, da qual a quarta Oração eucarística é o texto que a proclama na sua totalidade.<sup>132</sup>

Assim, nos torna partícipes da salvação em sua plenitude. É sempre impelida pelo amor de Cristo salvador, morto e ressuscitado, no poder do seu Espírito que a Eucaristia atualiza a Nova-Aliança no sangue do verdadeiro cordeiro pascal. A assembléia litúrgica celebra o seu rito pascal, pelo qual ele substitui o cordeiro tradicional, dando-se e sacrificando-se por amor.

Celebrando o rito que recebeu de Jesus na última ceia por meio da quarta Oração eucarística, a Igreja reunida em assembléia litúrgica expressa de forma profundamente bíblica sua associação à oferenda de Jesus Cristo e o exercício da sua função sacerdotal para o louvor de Deus e salvação da humanidade. “Esta é a grande obra que permite que Deus seja perfeitamente glorificado e que os homens se santifiquem, Cristo associa sempre a si a Igreja,

<sup>131</sup> Cf. 1Cor 10,14-22; 11, 17-33; At 2, 42-44; At 20, 7-12; At 27, 33-38; Lc 24,13-35.

<sup>132</sup> ANGEL, Miguel D’Annibale. *A Celebração Eucarística*. In: CELAM. Manual de Liturgia III. A celebração do mistério pascal. CELAM. p.122.

sua esposa muito amada, a qual invoca seu Senhor e por meio dele rende culto ao Eterno Pai”.<sup>133</sup>

É este o sentido profundo do “memorial” da salvação que a quarta Oração eucarística, embasada nos dados bíblicos, atualiza na celebração da Eucaristia. A celebração do memorial faz com que os participantes mergulhem no mistério da Páscoa do Senhor.

Com esta abordagem da teologia bíblica presente na quarta Oração eucarística, iremos agora aprofundar as características peculiares da sua teologia eucarística.

## 5. Sua Teologia Eucarística

Depois de termos analisado a riqueza bíblica da quarta Oração, vamos fazer um aprofundamento das suas características teológicas. A quarta Oração eucarística, em sua estrutura unitária, apresenta as maravilhas da salvação realizada na história e atualizada hoje na celebração do sacramento da Eucaristia. Inicia louvando e agradecendo a Deus Pai por si mesmo, pela criação e o início da salvação, pelo envio do Salvador e pelo mistério do Espírito Santo na Igreja.<sup>134</sup>

Com o seu prefácio invariável forma um todo com o “*Vere Sanctus*”. Este desenvolve o discurso oracional sobre a glorificação de Deus, que, apesar de transcendente, se manifestou e, por isso, recebe o louvor das suas criaturas espirituais e de todo o universo criado. Assim esta quarta Oração eucarística leva a Igreja, povo orante, ao comprometimento em reconhecer que toda a criação vem de Deus, e também a salvação, como veremos em seguida:

---

<sup>133</sup> MARCH, Ouellet. Documento teológico de Base para o Congresso Eucarístico Internacional de Quebec – Canadá – 2008. *A Eucaristia: Dom de Deus para a vida do Mundo*. p. 16.

<sup>134</sup> Cf. GELINEAU, Joseph. *La Quarta Preghiera Eucaristica*. In: *Le Nuove Preghiere Eucaristiche*. pp. 55-56.

### 5.1. Eucaristia: louvor e ação de graças da Igreja

O louvor é a motivação exuberante da Igreja orante reconhecendo que desde a criação, sobretudo do homem e a mulher à sua imagem e semelhança, Deus não pára de mostrar seu amor. Depois da queda da humanidade, vem o início da redenção, pois Deus quer se comunicar e infundir-lhe alegria e luz. Então, mesmo que a humanidade tenha rompido a amizade originária, Deus Pai propõe a sua Aliança, a ponto de nos enviar o próprio Filho para manifestar seu amor pelos pobres, escravos e pecadores, oferecendo-se por eles até a morte e unindo-os na caridade do Espírito Santo.<sup>135</sup>

Segue o louvor pela chegada do Filho na plenitude dos tempos para realizar a salvação definitiva no mistério da encarnação, da manifestação profética do Messias, da sua morte e ressurreição. Prosseguem o louvor e a ação de graças pela missão do Espírito Santo na Igreja. Todos estes mistérios de Cristo são para a nossa salvação, porque o envio do Espírito Santo é para levar à plenitude a obra redentora do Salvador por meio dos sacramentos, que atualizam o seu mistério pascal na Igreja. A dupla memória da missão santificadora do Espírito Santo revela que Deus continua realizando o mistério da salvação no sacramento da Eucaristia.

A partir desta abordagem, podemos ver claramente a estrutura trinitária de toda esta primeira parte da quarta Oração eucarística, que recapitula a inteira economia da salvação: o plano do Pai, a missão do Filho e a missão do Espírito Santo na Igreja e no mundo. Sua compreensão teológica é fundamental para a plena participação do povo sacerdotal. A assembléia litúrgica eleva este hino de admiração e louvor ao Pai. É a voz da criação reconhecendo o Criador pelo dom da vida e pela existência de todas as criaturas.<sup>136</sup>

---

<sup>135</sup> Idem.

<sup>136</sup> Cf. GELINEAU, Joseph. *La Quarta Preghiera Eucarística*. In: *Le Nuove Preghiere Eucaristiche*. pp. 57-58.

Tomar parte nesta solenidade da Oração é compromisso com a salvação da humanidade inteira, pois, “mediante a celebração da Eucaristia, a Igreja vive e cresce continuamente...”,<sup>137</sup> “Nenhuma comunidade cristã se edifica, se não tiver sua raiz na celebração da santíssima Eucaristia”.<sup>138</sup> É necessário, portanto, “que a celebração do sacrifício eucarístico seja centro e cume de toda a vida comunitária cristã”.<sup>139</sup> Assim, “a comunidade cristã torna-se sinal da presença de Deus no mundo, pois pelo sacrifício eucarístico, passa com Cristo ao Pai”.<sup>140</sup>

## 5.2 A Eucaristia: permanente memória da salvação

Na seqüência das diversas partes da quarta Oração eucarística, que formam um todo, vão emergindo as peculiaridades mais evidentes do texto: a ampla memória da história da salvação, considerada sob o pano de fundo do esquema trinitário e cujos primórdios já se encontram no evento da criação (antes da consagração); a epiclese de comunhão: “reunidos pelo Espírito Santo, num só corpo”; e a intercessão final: “E agora, ó Pai, lembrai-vos...”, claramente universalista e aberta à espera do Reino, onde com todas as criaturas libertas da corrupção do pecado e da morte, vos glorificaremos por Cristo, nosso Senhor.<sup>141</sup>

Na quarta Oração eucarística, a natureza da Eucaristia aparece à luz da “história das alianças”, (antes da consagração), isto é, como cumprimento do plano de Deus que, desde o início, parece evidente. Nesta perspectiva, a Eucaristia está colocada no centro da “plenitude dos tempos”, memorial do evento culminante da Páscoa, pacto novo e definitivo entre Deus e

---

<sup>137</sup> LG n. 26.

<sup>138</sup> PO n. 6.

<sup>139</sup> CD n. 30.

<sup>140</sup> ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. p.45.

<sup>141</sup> Cf. BROVELLI, F. *Prece Eucarística*. In: Dicionário de Liturgia. pp. 941-942.

o homem. Pela ação da Eucaristia-Aliança, cria-se continuamente uma comunidade capaz de culto espiritual.<sup>142</sup>

Ela desenvolve a economia da salvação ao modo das anáforas antioquenas, proclamando o louvor e ação de graças pela economia da salvação, não apenas no prefácio, mas, sobretudo, entre o *Sanctus* e a narração da instituição, e a história da salvação é apresentada de uma maneira que encanta ao ser humano de hoje.

Diferentemente do estilo ocidental, o plano da salvação não é linear nem seletivo. Ao modo oriental, Deus é louvado em si mesmo e, depois, pelo mistério da criação, da redenção e da Igreja. Por não ser linear, o plano da salvação é uma história de amor que, como o jorrar de uma fonte, está sempre recomeçando no mesmo lugar. Assim, a menção à Criação é retomada mais de uma vez. É uma maneira diferente de ressaltar a Criação e valorizar o Cosmo.<sup>143</sup>

A quarta Oração eucarística vai educando-nos em nossas atitudes de fé e no amadurecimento da compreensão da profundidade do sacramento<sup>144</sup> de Cristo, que é o “memorial permanente de sua Morte e Ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal, em que Cristo nos é comunicado em alimento, o espírito é repleto de graça e nos é dado o penhor da futura glória”.<sup>145</sup>

### **5.3 Eucaristia: Louvor à grandeza e a bondade de Deus**

Queremos focalizar agora mais a dimensão do louvor. O texto da quarta Oração, depois do diálogo, inicia com o louvor a Deus pela sua grandeza, isto é, por si mesmo. Depois do *sanctus*, temos o longo desenvolvimento da ação de graça pela história da salvação, a começar da criação que é um tema peculiar desta Oração. Na abertura, temos a proclamação do nome de Deus, chamado de Pai Santo, apelativo repetido quatro vezes em toda a anáfora.

---

<sup>142</sup> Ibidem.

<sup>143</sup> COSTA, Valeriano dos Santos. *Celebrar a Eucaristia: tempo de restaurar a vida*. p. 75.

<sup>144</sup> ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. p. 283.

<sup>145</sup> SC n. 47.

O prefácio ressalta o valor da salvação em render graças. Este valor da salvação, é facilmente explicável pelo fato de ao evangelho podermos responder somente com a Eucaristia, porque aquilo que recebemos, ultrapassa, de muito, o que a nossa natureza humana poderia receber do Criador. Frente a um sacrifício que não pode ser retribuído, a única resposta possível é uma profunda gratidão que fica no gesto de ação de graças.

Esta resposta não extingue a dívida ou iguala o relacionamento: não há como pagar. Então, a perspectiva de ação de graça é de ser repetida continuamente, isso é, “sempre em cada lugar”, mesmo pela natureza da relação criada em Cristo, entre Deus e a humanidade. Deus é contemplado com três atributos: único, vivo e verdadeiro. Tais atributos expressam o conhecimento de Deus, o que faz nascer a necessidade da assembléia litúrgica render graças por todas as maravilhas da salvação realizada em Jesus Cristo e atualizada na celebração eucarística.<sup>146</sup>

O louvor divino confessa a bondade de Deus como origem da criação que está em função da vida. A criação não é o fim em si mesma, a finalidade de Deus é a fusão do seu amor sobre todas as coisas. Todo o criado celebra a grandeza e a santidade do Senhor através do homem que ficou como “síntese”, o interprete e o responsável; só através do homem, o cosmo pode realizar a sua vocação de louvar a Deus. A criação é orientada para o homem que a reconquista. Ela passa através do homem e se realiza nele e com ele.

A assembléia eucarística se une à criação inteira para cantar a glória divina através da quarta Oração eucarística. Nela a humanidade se sente solidária com toda a criação e parte dela; parte eminente, mas não separada, que leva a Deus a bondade da mesma natureza criada, fazendo-se voz dela através do processo de santificação em Cristo.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> Cf. GELINEAU, Joseph. *La Quarta Preghiera Eucarística*. In: *Le Nuove Preghiere Eucaristiche*. p. 59.

<sup>147</sup> Cf. GELINEAU, Joseph. *La Quarta Preghiera Eucarística*. In: *Le Nuove Preghiere Eucaristiche*. pp. 60-66.

A plena participação na quarta Oração eucarística renova na consciência dos fiéis o compromisso primordial de sua dignidade humana, livre e responsável que tem inscrito no profundo de si, o chamado da comunhão com Deus.<sup>148</sup>

Esta quarta Oração eucarística confessa com toda a convicção que Cristo restituiu o homem a Deus e o homem a si mesmo. O homem desobedecendo, perde a amizade com Deus, mesmo assim, Deus não o abandona, ou seja, não o olha com desdém, mas a todos manifesta o seu amor misericordioso e redentor na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo.

A lógica da inteira revelação divina ao longo de toda a economia da salvação é a preocupação de Deus pelo homem, até que ele encontre a vida perdida. Daqui nasce cada vez mais no percurso da economia salvífica a esperança da salvação. A pedagogia divina da história da salvação pode ser definida como contínua oferenda de Aliança aos homens, entre os quais encontramos Adão, Noé, Abraão, Isaac, Jacob, Davi, Moisés, todos os profetas.<sup>149</sup>

A quarta Oração eucarística exprime o conhecimento de Deus na alegria do louvor, tornando evidente que Deus é plenamente fiel, mesmo não sendo fácil para o homem de hoje, compreender a história como fidelidade de Deus a si mesmo e de Deus ao homem. Deus é fiel ao homem porque é fiel a si mesmo. Por isto, a quarta Oração eucarística é explosão de alegria, de louvor, de esperança e ação de graça que perpassa e motiva todos os componentes da anáfora.

#### **5.4 Eucaristia: Atualização da salvação realizada em Jesus Cristo**

A quarta oração eucarística prossegue com a proclamação da descrição da obra da salvação realizada em Jesus Cristo, partindo da citação bíblica de João 3,16 e de Paulo aos Gálatas 4,4, os quais chamam Jesus de Unigênito e Salvador e vem qualificado em relação a

---

<sup>148</sup> Ibidem.

<sup>149</sup> Ibidem.

Deus e em relação aos homens. Dele se diz que a encarnação é por obra do Espírito Santo com o nascimento pela Virgem Maria, para depois passar pelos sinais messiânicos do Evangelho de Lucas 4,18ss, o qual realiza a promessa e a esperança anunciadas pelo profeta Isaías; tornando-se a programação messiânica de Jesus de Nazaré.

Em seguida, proclama-se o mistério da morte e ressurreição com o qual o Senhor destrói a nossa morte em função da vida. A participação dos fiéis neste mistério tem início no Batismo, conforme a Carta aos Romanos 6, a qual nos apresenta o cerne da teologia batismal e que tem uma justa e profunda relação com a Eucaristia, que é o cumprimento da iniciação cristã.

A teologia da quarta Oração eucarística renova a identidade e a configuração dos fiéis com Cristo, mediante o dom do Espírito Santo que nos faz crescer no radicalismo evangélico e na total fidelidade a Cristo. Assim, a participação na Eucaristia nos capacita e nos fortalece para vivermos não mais para si mesmo, mas para Jesus morto e ressuscitado, como um verdadeiro programa de vida, que abre uma espiral também nos componentes ascéticos da vida cristã, ou seja, viver uma vida eucarística, “como hóstia viva, santa e agradável a Deus”.<sup>150</sup> Como diz também São Basílio:

O específico do cristão está no comer e beber o Corpo e o Sangue do Senhor; o específico de quem come e bebe o Corpo e o Sangue do Senhor está no conservar uma contínua memória das grandes obras de Deus; e o específico daqueles que conservam esta memória, será de não viver mais por si mesmo, mas para o Senhor<sup>151</sup>

Com esta citação passamos da cristologia à pneumatologia, como ponte necessária da presença e ação do Espírito Santo para uma vida cristã interna como aquela de Cristo; é a teologia do mistério pascal torneada em sentido pneumatológico.<sup>152</sup>

---

<sup>150</sup> Rm 12,11

<sup>151</sup> São Basílio. Tratado de Moralia, 80,22, (PG. 31. 870).

<sup>152</sup> Cf. MAZZA, Enrico.– *As Odiarne Preghiere Eucaristiche* - Struttura, fonti, teologia. pp. 253-288.

### 5.5 Presença e ação do Espírito Santo na Eucaristia

A quarta oração eucarística diz que é Jesus que envia o Espírito do Pai.<sup>153</sup> Esta absoluta necessidade da obra do Espírito Santo é bem documentada por Paulo: “Todos aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus”.<sup>154</sup> Deste modo, o Espírito Santo está presente na obra da salvação; levando-a à plenitude, opera toda a santificação. De fato, a importância do Espírito Santo está na interiorização da palavra do Senhor de maneira que no homem nasce a verdadeira compunção e a verdadeira memória da vida e da missão de Jesus.

O Espírito Santo na dupla invocação da Oração eucarística atualiza a Palavra e assim, torna presente Jesus na assembléia litúrgica e na vida de cada fiel. O Santificador é primazia de cada dom dos fiéis e a sua vinda é assegurada e garantida como fruto de cada oração.<sup>155</sup> Primazia de cada dom significa que nada é dado ao homem senão como fruto do Espírito. Passando da cristologia para a pneumatologia, a narração-confissão da salvação consegue uma visão unitária e global da economia.<sup>156</sup>

Na introdução da epiclese temos uma referência do “Pai” sem atributos, mas a sua santidade é igualmente descrita da sua ação de enviar o Espírito Santo. O pedido para que o Espírito se digne santificar o pão e o vinho exprime a ação de Deus na manifestação do seu reino, onde o seu domínio chegou à realização.

Se efetivamente o reino vem ao homem com a vinda de Cristo, e se o homem vai a Cristo e é comunhão com Cristo por meio do Pão e do Vinho que ele mesmo deixou como

---

<sup>153</sup> Jo 16,8; Lc 24,29; Jo 19,30.

<sup>154</sup> Rm 8,14.

<sup>155</sup> Lc 11,13.

<sup>156</sup> Ibidem.

sinal da nova e eterna Aliança, a celebração do mistério eucarístico é verdadeiramente epifania do reino.

O Senhor reina enviando o Espírito. Logo a participação da assembléia litúrgica na Oração eucarística é um profundo mergulho na vida do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Deste modo, participar da Oração eucarística, comportará sempre uma relação simultânea com a Trindade.<sup>157</sup>

Com a introdução da epiclese (invocação), ora-se formalmente a Deus para enviar o Espírito para a transformação do pão e do vinho no Corpo e no Sangue do Senhor, na outra (depois da anamnese), pede-se a santificação dos fiéis que participam da Eucaristia, para que se tornem o Corpo Místico de Cristo.<sup>158</sup> Deste modo,

o primeiro conteúdo da fé eucarística é o próprio mistério de Deus, amor trinitário...Na Eucaristia, Jesus não dá ‘alguma coisa’, mas dá-se a si mesmo; entrega o seu Corpo e derrama o seu Sangue. Desse modo, dá a totalidade da sua própria vida, manifestando a fonte originária desse amor: ele é o Filho eterno que o Pai entregou por nós. Assim, Jesus manifesta-se como o pão da vida que o Pai eterno dá aos homens.<sup>159</sup>

No pão e no vinho consagrados é toda a vida divina que nos alcança e se comunica conosco na forma de sacramento: Deus é comunhão perfeita de amor entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. É em Cristo morto e ressuscitado e na efusão do Espírito Santo, dado sem medidas,<sup>160</sup> que nos tornamos participantes da intimidade divina. Assim, Jesus Cristo no dom eucarístico comunica-nos a própria vida divina.

A Igreja acolhe, celebra e adora esse dom, com fiel obediência. O “mistério da fé” é mistério de amor trinitário, na qual, por graça, somos inseridos e chamados a participar. Por isso, também nós devemos exclamar com Santo Agostinho: “Se vês a caridade, vês a

---

<sup>157</sup> Ibidem.

<sup>158</sup> Ibidem.

<sup>159</sup> EAPSSC n. 7.

<sup>160</sup> Jo 13,34.

Trindade”.<sup>161</sup> Portanto, “é em virtude da ação do Espírito Santo que o próprio Cristo continua presente e ativo na sua Igreja, a partir do seu centro vital que é a Eucaristia”.<sup>162</sup>

São João Crisóstomo também assinala que o sacerdote invoca o Espírito Santo quando celebra o Sacrifício: “à semelhança de Elias, o ministro atrai o Espírito Santo para que, descendo a graça sobre a vítima, se incendeiem por meio dela a alma de todos”<sup>163</sup>. É extremamente necessária, para a vida espiritual dos fiéis, uma consciência mais clara da riqueza da anáfora: esta, juntamente com as palavras pronunciadas por Cristo na última ceia, contém a epiclese, que é invocação ao Pai para que faça descer o dom do Espírito sobre as oblatas e que reúne os fiéis “num só corpo”, tornando-os uma oferta espiritual agradável ao Pai.<sup>164</sup>

## **6. Seu Caráter Modelar para a Oração Litúrgica em Geral**

A quarta Oração eucarística é modelo para a Oração litúrgica em geral porque é eminentemente bíblica. A Oração litúrgica não somente se serve constantemente da Bíblia, mas não pode prescindir dela, porque é a Palavra de Deus que prepara e explica a ação litúrgica no seu sentido e no seu valor eminentemente salvífico. O que é anunciado pela Palavra é levado a termo na ação sacramental.

O acontecimento que se realiza na quarta Oração eucarística é o mesmo que se realiza na Oração litúrgica em geral, nas quais os fiéis participam da salvação presente e atuante no mistério litúrgico.<sup>165</sup>

<sup>161</sup> EAPSSC n. 8 – SANTO AGOSTINHO. *De Trinitate*, VIII,12; CCL 50, 287.

<sup>162</sup> EAPSSC n. 12.

<sup>163</sup> SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. *Sobre o Sacerdócio*. 6,4; PG 48, 681.

<sup>164</sup> EAPSSC n. 13. - Catequese 23,7; PG 33, 1114s. Cf. *O Sacerdócio*, 6,4; PG 48, 681.

<sup>165</sup> AUGÉ, Matias. *Liturgia. história – celebração - teologia - espiritualidade*. p. 347.

O fundamento central da mútua relação entre a quarta Oração eucarística e a Oração litúrgica em geral está no acontecimento salvífico que tem como centro o Cristo morto e ressuscitado, presente na assembléia litúrgica em oração.

A quarta Oração eucarística é modelar para a participação dos fiéis na oração litúrgica da Igreja. Ela abrange todas as dimensões da história salvífica reunidas e centradas em Cristo. Em todo o acontecimento Cristo é celebrado, da encarnação, até a sua última volta gloriosa. Cristo está vivo na glória do Pai; está presente na Igreja que ele vivifica e conserva no Espírito Santo.<sup>166</sup> Manifestando fielmente o mistério pascal de Cristo, revela, anuncia e torna presente no tempo e no espaço a sua força salvífica.

### **6.1. Dimensão Trinitária e Eclesiológica da oração litúrgica**

A Oração litúrgica manifesta continuamente a dimensão trinitária do mistério da salvação. Parte-se de Cristo, mas atinge-se necessariamente a Trindade inteira: o Pai de quem Cristo é o revelador; o Espírito que ele promete e envia.

Na assembléia litúrgica, a Igreja encontra a sua mais profunda identidade como “povo reunido na unidade do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”<sup>167</sup>. Reunidos em assembléia, tomamos consciência e nos realizamos como Igreja que existe para testemunhar o amor trinitário na Oração litúrgica e na missão no mundo.

Os textos litúrgicos em geral nos introduzem no caráter “misterioso” da Igreja que é chamada: Corpo Místico de Cristo, esposa de Cristo, cidade santa, cidade de Deus e Jerusalém celeste. Assim, a dimensão eclesiológica da liturgia se torna evidente, na celebração dos sacramentos da Igreja, que constituem a liturgia, são meios de participação direta e eficaz nos atos redentores de Cristo, especialmente na sua morte e ressurreição.

---

<sup>166</sup> Ibidem p.348.

<sup>167</sup> LG n. 4.

A quarta Oração eucarística e a Oração litúrgica em geral se transformam num estímulo permanente para o fiel tornar a sua vida conforme aquilo que está celebrando. A autêntica participação na liturgia transforma e renova o cristão. Porque a oração litúrgica se fundamenta na participação do mistério pascal enquanto ele é a síntese de toda a revelação do amor de Deus.<sup>168</sup>

A história da salvação tem o seu auge e plenitude com a encarnação, a morte, a ressurreição e a glorificação de Jesus Cristo e a entrega do dom do Espírito Santo derramado sobre a Igreja e o mundo.

A liturgia da Igreja celebra a atualização deste acontecimento salvífico em todos os sacramentos. A nossa inserção neste mistério de Cristo e da Igreja tem início no batismo e chega a plenitude na participação do banquete eucarístico

A quarta Oração eucarística e a Oração litúrgica em geral nos transformam interiormente para fazer-nos viver cada dia mais a inserção no mistério pascal. A Oração em todos os seus momentos e formas litúrgicas coloca a nossa vida num dinamismo pascal para o completo aperfeiçoamento da obra redentora.<sup>169</sup> Neste sentido afirmamos que liturgia é mistagogia.

Para os Padres da Igreja, a mistagogia é um itinerário permanente de inserção e vivência sacramental dos mistérios do Senhor que se atualizam na vida de todos os participantes da sagrada liturgia. Esta é a perspectiva da presente dissertação que está aprofundando a natureza da participação litúrgica dos fiéis e do presidente na Oração eucarística. A meta apontada aqui é a retomada da 'catequese mistagógica' como caminho para uma frutuosa participação no mistério eucarístico. Esta catequese conduz à valorização dos sinais e dos acontecimentos da salvação, da qual a quarta Oração eucarística é exemplar.

---

<sup>168</sup> Cf. MAZZA, Enrico. *Le Odiere Pregliere Eucaristiche* - Struttura, fonti, teologia. pp. 289-294.

<sup>169</sup> Ibidem.

Seu fruto é a autêntica participação na Oração eucarística e abertura para o compromisso cristão e eclesial, expressão da nova vida inserida em Cristo com o Batismo e continuamente alimentada na Eucaristia e fortalecida também, nos outros momentos de Oração litúrgica em geral.<sup>170</sup>

A quarta Oração eucarística, como exemplo para a Oração litúrgica em geral, permiti-nos compreender e viver sempre em mais profunda plenitude o mistério de Cristo, atualizado pela Oração. Daqui resulta a fonte principal que alimenta toda a espiritualidade cristã no sentido autêntico da palavra, isto é, como atualização do mistério celebrado na vida do cristão.

O mistério que celebramos na Oração eucarística e na Oração litúrgica em geral é o dom da vida, escondido nos séculos em Deus, que ele quis manifestar e comunicar à humanidade no seu Filho, morto e ressuscitado, com a efusão do Espírito Santo. Pela ação do Espírito do Senhor, os fiéis são impelidos espiritualmente a participar com proveito da ação litúrgica e é, ao mesmo tempo, o Espírito divino que faz avançar o enlace entre a celebração e a vida cotidiana do fiel. Dessa forma, a celebração do mistério Pascal produz seus frutos na existência cristã.<sup>171</sup>

A participação consciente e ativa dos fiéis na quarta Oração eucarística os capacita para uma vivência mais profunda nas diversas fórmulas da oração da Igreja, como: o louvor e a ação de graças por todos os feitos maravilhosos da história da salvação; a invocação e a súplica da Igreja pelas necessidades de toda a humanidade; a confissão dos pecados e a oblação; a intercessão universal; a unidade entre a oração pessoal e a comunitária e entre a oração e a vida cotidiana.

---

<sup>170</sup> Ibidem.

<sup>171</sup> Cf. MARIA, Luiz Fernandes; RUSSO, Roberto. *A Oração Litúrgica*. In: CELAM. Manual de Liturgia II. A celebração do mistério pascal. CELAM. pp. 194-201.

Todas essas fórmulas são componentes da riqueza bíblico-litúrgica da quarta Oração eucarística e nos conduzem à autêntica e profunda comunhão com o mistério do Senhor presente na ação litúrgica. Deste modo, dia após dia, a liturgia vai transformando-nos em templos santos do Senhor e morada espiritual de Deus, até a plenitude de Cristo, de tal forma que nos dá a força necessária para pregar Cristo e mostrar ao mundo o que é a Igreja.<sup>172</sup>

Para concluir esta relação da quarta Oração eucarística com a Oração cristã em geral, podemos dizer que o fundamento último desta relação está precisamente na presença objetiva do mistério da salvação que torna a vida cristã, sacrifício de louvor, em comunhão com Jesus Cristo, que se entrega à Igreja na Eucaristia para viver nela e perpetuar seu mistério e ministério de Oração que fecunda a vida inteira. Deste modo, a Oração eucarística é fonte, ápice e norma da Oração cristã em geral. A união orgânica da prece eclesial e do sacrifício eucarístico constitui uma única ação litúrgica.

A Eucaristia é fonte de vida e de luz que se irradia na oração de louvor e ação de graças da comunidade, com a oração do sacrifício e o sacrifício da oração que constituem o ápice do culto cristão.<sup>173</sup>

Na quarta Oração eucarística, temos assim, um modelo de oração que ajuda a todos os membros do povo sacerdotal a fazer uma profunda experiência mistagógica da oração cristã que se alimenta da Eucaristia e, ao mesmo tempo, cria condições necessárias para celebrar com proveito toda a Oração litúrgica. Tudo isso ajudará aos fiéis e aos ministros da assembleia a fazerem de suas vidas, um “sacrifício e um culto espiritual agradável a Deus”.<sup>174</sup>

---

<sup>172</sup> SC n. 2.

<sup>173</sup> Cf. CASTELLANO, José. *Teologia e espiritualidade da Liturgia das Horas*. In: *A Celebração na Igreja*. vol. 3. BOROBIO, Dionísio (org). pp. 393-394.

<sup>174</sup> Rm 12,1.

### **CAPÍTULO III**

#### **A PARTICIPAÇÃO DA ASSEMBLÉIA LITÚRGICA NA ORAÇÃO EUCARÍSTICA**

Do estudo do primeiro e do segundo capítulos, já podemos concluir que a participação litúrgica em geral e, portanto, na Oração eucarística, é uma ação mística de cunho profundamente interior. Seu foco não está no aspecto exterior e nem se expande numa dimensão que se possa medir pela quantidade, mas muito mais pela qualidade e intensidade. Se não fosse assim, a assembléia sacerdotal de cunho batismal ficaria à margem, já que se trata de uma oração presidencial e mesmo, considerando as várias aclamações que o nosso Missal permite, ainda assim não se chegaria ao conceito verdadeiro de participação de toda assembléia nessa oração tão central da nossa eucologia. O estudo da Oração IV ajudou-nos a perceber que uma verdadeira mística não acontece fora da Bíblia. Além de seu aspecto exuberante de louvor pelas intervenções de Deus na história da salvação, a Oração IV tem uma densidade mística que exige do fiel uma participação interior muito densa no nível do mistério celebrado. Ela nos faz lembrar do povo de Deus que, nas mais diversas gerações, se sentia envolvido em cada páscoa na mesma libertação dos seus pais.

Vamos, neste último capítulo, aprofundar a natureza da participação litúrgica neste momento máximo de louvor que constitui o coração da Eucaristia, para compreendermos o significado da participação na Oração eucarística, ‘centro e cume de toda a celebração’.

“Não basta afirmá-lo; porém, é preciso que de forma verdadeira, no conjunto da Missa se reze de tal modo esta Oração, que ela apareça como momento alto do Santo Sacrifício.”<sup>175</sup>

Sem dúvida, o papel do presidente é fundamental. Por isso tratar-se-á, agora, de aprofundar o modo pelo qual, ele proclama esta Oração, procurando da melhor forma, a comunicação e a participação e de toda a assembléia, que também tem seu momento de participação externa, através das aclamações, nas respostas do diálogo que abre o prefácio, no canto do *sanctus*, na aclamação, que reza “.. Anunciamos, Senhor, a vossa morte ...”, e no grande Amém conclusivo, após a doxologia<sup>176</sup>. Vamos, então, o sentido de participação litúrgica.

## 1. A Participação Litúrgica

A participação do povo na liturgia é uma das conquistas da reforma litúrgica do Concílio Ecumênico Vaticano II, o qual pede que “os fiéis estejam na liturgia, não como estranhos e simples expectadores, mas como membros ativos e conscientes”.<sup>177</sup> É verdadeiramente notável, a frequência com que é citada na *Sacrosanctum Concilium*, a participação na liturgia.<sup>178</sup> Em pelo menos vinte e cinco artigos da Constituição aparece a palavra “participar” ou “participação”.

A palavra “participação” vem do latim tardio “*participatio*”, “*partem-capere*”, (tornar parte), e é sinônimo de intervenção, adesão, etc. Essa palavra é utilizada nos dias de hoje em toda a ação da evangelização, indicando sempre uma relação comum ou uma postura

<sup>175</sup> CNBB. *Animação da Vida Litúrgica no Brasil* (Documento da CNBB n. 43) n.º. 303.

<sup>176</sup> *Ibidem*.

<sup>177</sup> SC n. 48.

<sup>178</sup> SC nn. 11; 12; 14; 17; 19; 21; 26-27; 30; 33; 41; 48; 50; 53; 55-56; 79; 90; 106; 113-114; 121; 124.

de comunhão. De fato, a participação da assembléia litúrgica na Eucaristia é exatamente a plena comunhão com o mistério eucarístico, cujo “centro e ápice” é a Oração eucarística.<sup>179</sup>

A natureza da participação litúrgica vem a ser, então, a relação de comunhão que promove a identificação e a união<sup>180</sup> com o mistério pascal de Cristo que se atualiza em cada celebração do Santo Sacrifício do Senhor. Não é a toa que essa palavra é utilizada para referenciar a comunhão eucarística, especialmente nas orações pós-comunhão. Neste sentido, o mais importante não é o termo em si, mas o objeto para o qual se dirige a ação: o mistério do Senhor, a salvação, a entrega e a doação do maior dom de Deus para a humanidade, que se torna presente na proclamação da Oração eucarística em cada celebração da santa Missa.

## **2. Natureza da participação litúrgica**

A participação litúrgica traz consigo três aspectos inseparáveis: a ação de participar, que inclui alguns atos humanos (gestos, ritos, palavras); e atitudes internas, susceptíveis de variar em intensidade ou em grau de modalidade; o objeto da participação, que não é somente o ato ritual ou sacramental (o sinal), mas principalmente também o acontecimento ou mistério que se atualiza na ação litúrgica; e os participantes, fiéis e ministros, cada um segundo sua condição eclesial e a natureza da ação litúrgica.<sup>181</sup>

Segundo a *Sacrosanctum Concilium* e outros documentos conciliares, a participação revela o caráter eclesial das ações litúrgicas como ações de todo o corpo da Igreja.<sup>182</sup> Essa participação, deve ser plena, consciente e ativa.<sup>183</sup>

---

<sup>179</sup> Cf. LÓPEZ, Martín Julián. *A Liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. pp. 171-176.

<sup>180</sup> Cf. TRIARCA, A. M. *Participação*. In: *Dicionário de Liturgia*. pp. 886-904.

<sup>181</sup> *Ibidem*.

<sup>182</sup> Cf. SC nn. 26; 41; 42; LG nn. 10-11; 26; PO n. 5.

<sup>183</sup> Cf. SC n. 14.

## 2.1. A Participação Plena

A participação plena é a manifestação de uma comunhão integradora entre o aspecto interior e exterior<sup>184</sup>. Não se trata apenas de estabelecer uma comunicação com o presidente ou de promover uma resposta ao leitor, mas, sobretudo, de suscitar uma comunicação com Deus, acolhendo em nós o mistério da salvação e deixando-nos penetrar pela ação do Espírito, para que possamos atuar como membros vivos da Igreja.

A participação dos féis se dá no todo e não só em algumas partes da ação litúrgica. Isso significa que a participação é fundamental em toda celebração, tal como reclama a condição sacerdotal do povo de Deus e a própria natureza da liturgia.<sup>185</sup> Assim sendo, no contexto da participação litúrgica, vale a pergunta:

Como participar da Oração eucarística, que é essencialmente sacrifício pascal e louvor? Talvez a pergunta devesse ser: como podem os cristãos viver, a não ser deixando-se levar pelo louvor, por serem os grandes beneficiários da obra de Jesus. Mas devem também fazer como Jesus, que, “tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim” (Jo 13,1); devem aprender de Eucaristia em Eucaristia a dizer com Ele: “Isto é o meu Corpo, que será entregue por vós, e a se tornarem, assim “um sacrifício”. Dessa forma, os que participam da Eucaristia, são convidados, nada mais nada menos a comungar o próprio Cristo para louvor do Pai em unidade com o Espírito Santo.<sup>186</sup>

Os participantes da Eucaristia precisam estar bem conscientes que o Senhor ressuscitado é o primeiro participante ativo da liturgia. Neste sentido, faz-se cada vez mais necessária uma catequese litúrgica para uma participação mais autêntica, sobretudo na Oração eucarística, que é um resumo de todo o mistério da salvação

---

<sup>184</sup> Cf. SC n. 19; EM n. 12.

<sup>185</sup> Cf. SC n. 14

<sup>186</sup> CLERK, Paul. A Celebração Eucarística: seu sentido e sua dinâmica. In: BROUARD, Maurice (org). *Eucharistia: Enciclopédia da Eucaristia*. p. 451.

## 2.2. A participação consciente

A participação consciente é um quesito de qualquer participação que pretenda ser plena. Em outras palavras, ela exige uma educação litúrgica, um conhecimento suficiente de cada celebração concreta e de sua estrutura, uma compreensão do significado dos gestos e dos símbolos, um saber impregnado do espírito da celebração.<sup>187</sup> Em termos pastorais, pressupõe uma catequese bíblico-litúrgica adequada. Por isso mesmo, fizemos nos dois capítulos anteriores um aprofundamento da Oração eucarística em geral e da quarta Oração em particular. Sem isto, é praticamente impossível uma autêntica participação na sua proclamação.

É exigido na participação da assembléia na Oração eucarística o conhecimento de seu sentido global e de cada um dos elementos que a compõem, da sua inspiração profunda e fundamental,<sup>188</sup> conforme aprofundamos anteriormente. Por esta razão, é justa a preocupação de transformar o momento da proclamação da Oração eucarística em lugar real de participação ativa pela assembléia inteira, evitando o risco de que ela represente na Missa o tempo de maior «ausência dos presentes e do seu menor envolvimento na ação ritual». Faz-se necessário, portanto, introduzir os fiéis na autêntica compreensão do que a Igreja realiza, quando proclama a Oração eucarística na celebração da Ceia do Senhor. Como podemos intuir a partir do estudo da Oração eucarística IV, uma formação bíblica é fundamental para se compreender o que se reza, de tal forma que a comunidade e cada pessoa possam entregar-se de corpo e alma, apesar dos limites e das vicissitudes da história humana.

---

<sup>187</sup> Cf. SC nn. 19; 48; 50.

<sup>188</sup> Cf. BROVELLI, F. *Prece eucarística*. In: Dicionário de Liturgia. p. 945.

A Oração eucarística, para que seja adequadamente entendida e participada, requer uma assembléia que já tenha acolhido no seu íntimo a palavra da fé. Alimentada por este anúncio que convoca para a salvação, a comunidade se abre à ação de graças dirigida ao Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, no Espírito, para depois significar, no gesto do pão partilhado e do cálice participado, a sua vontade de comunhão que é a meta da autêntica participação na Oração eucarística.<sup>189</sup> Com efeito, o ápice desta participação é a comunhão sacramental, pela qual os fiéis alcançam mais abundantemente, o fruto do sacrifício eucarístico.<sup>190</sup>

A meta da participação litúrgica é levar os fiéis ao cerne da celebração, para que, vivendo o que celebram, possam celebrar de modo autêntico o que vivem. Assim, a participação da assembléia litúrgica na Oração eucarística pode ajudar a superar a distância entre o fiel e o mistério celebrado, entre vida e celebração. Desta forma, a participação na celebração é a fonte primordial da espiritualidade cristã e o cume para o qual ela tende naturalmente.<sup>191</sup>

### **2.3 A Participação Ativa**

A participação ativa é uma consequência da participação plena e consciente. Pressupõe que o povo não deve assistir passivamente a uma cerimônia religiosa protagonizada por outros, mas ele mesmo participar ativamente com suas atitudes, gestos, respostas, orações, silêncio, cantos etc.<sup>192</sup> Tudo isso requer, é evidente, uma preparação adequada de cada celebração, uma distribuição de serviços e tarefas,<sup>193</sup> uma consciência de pertença à comunidade.

---

<sup>189</sup> Ibidem.

<sup>190</sup> Cf. LÓPEZ, Martín Julián. *A Liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. p. 173.

<sup>191</sup> Cf. TRIACCA, A. M. *Participação*. In: *Dicionário de Liturgia*. p. 893.

<sup>192</sup> Cf. SC nn. 28; 30.

<sup>193</sup> Cf. SC n. 29.

Pedagogicamente, a liturgia guia os participantes a penetrarem no mistério celebrado pelos ritos e pelas orações. Essa pedagogia, no entanto, será ineficaz se não se estiverem preparados para apreendê-la e a ela corresponder deixando-se envolver a ponto de transformar-se em protagonistas. Por conseguinte, é necessário ter a compreensão dos ritos e dos textos mediante uma formação e uma catequese litúrgica adequadas. Essa formação mostra o valor da iniciação ao silêncio sagrado como elemento de escuta e interiorização.

A participação litúrgica tem como finalidade levar os fiéis, saciados com os sacramentos pascais, a harmonizarem-se, conservarem em sua vida o que receberam na fé e, renovados pela Aliança do Senhor com os homens na Eucaristia, sentirem-se inflamados e arrebatados à premente caridade de Cristo.<sup>194</sup> Por isso, é toda a assembléia que está implicada na ação litúrgica, de tal forma que cada um dos membros intervém de modo distinto, segundo a diversidade da ordenação ritual, do ofício e da participação atual.<sup>195</sup>

A participação da assembléia litúrgica na Oração eucarística, conforme estamos aprofundando ao longo de toda esta dissertação é tornar presente na realização do mistério da salvação que se fez história, e que é atualizado em cada celebração eucarística, em especial na proclamação da Oração eucarística, a qual é revivida na sua plenitude, no aqui e agora, no hoje celebrativo. Por que a celebração litúrgica é simultaneamente, presença, memória e profecia da história da salvação que tem no mistério de Cristo o seu centro e a sua síntese.

A participação litúrgica atinge o cerne do mistério pascal de Cristo. Todavia, a Oração eucarística é revelação do divino que se realiza pela graça comunicada e doada aos que participam da ação litúrgica; por isso, participação significa acolhimento ativo e disponibilidade diante da máxima intervenção de Deus que se realiza na celebração do mistério eucarístico.

---

<sup>194</sup> Cf. SC n. 10.

<sup>195</sup> Cf. SC nn. 26; 28; 29.

A proclamação da Oração eucarística é, de fato, presença e ação da Trindade que age e intervém na celebração eucarística para que os fiéis, por meio da participação, penetrem no seu mistério. Esta é a atitude responsável e que deve, cada vez mais, impregnar-se de disposição interior, para corresponder à ação divina que realiza a santificação dos participantes, a fim de que possam tributar louvor e prestar culto a Deus.<sup>196</sup> Eis, a verdadeira natureza da participação litúrgica, e especialmente na celebração eucarística, cujo ápice e centro condensam todo o mistério pascal do Senhor.

Compreendido o significado mais autêntico e sentido da participação litúrgica, vamos aprofundar agora, a natureza da assembléia litúrgica em geral, e, por último, o significado da participação do presidente e dos fiéis na Oração eucarística.

### **3. Natureza da assembléia litúrgica**

Nosso estudo sobre a Oração eucarística e, sobretudo, a Oração eucarística IV mostrou que a participação não pode ser fundamentada na pessoa individual, mas no corpo que compõe a assembléia litúrgica, na medida em que ela representa o Corpo Eclesial. A assembléia litúrgica é o sujeito da ação litúrgica juntamente com Cristo, o Senhor ressuscitado, o “ator” principal. É ela, que celebra com Cristo, o celebrante principal, o único Pontífice e Mediador. É toda a assembléia litúrgica, e não só os ministros ordenados, que está envolvida na ação litúrgica, como sujeito integral.<sup>197</sup>

Trata-se agora, de analisar o papel ativo da assembléia na Oração eucarística, sabendo que Cristo é o primeiro ator das ações litúrgicas. Ele que sempre se associa à Igreja e esposa querida, para o louvor do Pai e a santificação da humanidade. Por isso, o

---

<sup>196</sup> Ibidem.

<sup>197</sup> Cf. CARLOS, Juan Spera; RUSSO. R. *Assembléia Celebrante*: In: CELAM. Manual de Liturgia II. A celebração do mistério pascal. CELAM. pp. 112-118.

Concílio Ecumênico Vaticano II, “não quis que os fiéis permanecessem na liturgia como estranhos e mudos espectadores, mas como membros ativos e participantes conscientes”.<sup>198</sup>

A natureza da assembléia litúrgica<sup>199</sup> está vinculada à natureza da Igreja Corpo, Esposa, sacramento do Verbo encarnado.<sup>200</sup> Neste contexto, a *Sacrosanctum Concilium* afirma que “as ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja”.<sup>201</sup>

A Igreja de fato é uma comunidade com caráter sacerdotal, em virtude da sua natureza de Esposa do Verbo e Corpo de Cristo. Por isso, o “culto público integral é exercido pelo Corpo Místico de Jesus Cristo, isto é, pela cabeça e pelos seus membros”.<sup>202</sup> Cristo associa a Igreja a si. Ela é, portanto, povo real e sacerdotal. Por conseguinte, a Igreja é o sujeito da ação litúrgica e, sobretudo, quando celebra a Eucaristia, age “*in persona Christi*”. No grau máximo exprime a ação de Cristo.<sup>203</sup>

A Igreja é “povo de Deus reunido na unidade do Pai, do Filho e o Espírito Santo”.<sup>204</sup> Assim, a Igreja é representada e manifestada nas ações litúrgicas e aparece como sujeito integral da celebração, a qual é organicamente estruturada e presidida por seus pastores e dotada de carismas, ministérios e funções.<sup>205</sup> Quando se diz que a Igreja é o sujeito da liturgia, não se alude somente ao sacerdócio ministerial, isto é, aos bispos e presbíteros, mas também aos fiéis cristãos que formam o povo de Deus<sup>206</sup>, e que exercem o sacerdócio comum, tanto nos sacramentos, como na prática da vida cristã.<sup>207</sup>

---

<sup>198</sup> SC n.48.

<sup>199</sup> Ibidem.

<sup>200</sup> Cf. LG nn. 7-8.

<sup>201</sup> SC n. 26.

<sup>202</sup> SC n. 7.

<sup>203</sup> Cf. AUGÉ, Matias. *Liturgia. história – celebração – teologia - espiritualidade*. pp. 72-81.

<sup>204</sup> LG n. 4.

<sup>205</sup> Cf. LG nn. 8; 11.

<sup>206</sup> Cf. LG n. 9.

<sup>207</sup> Cf. LÓPEZ, Martín Julián. *A Liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral*. pp. 164-170.

O Concílio Ecumênico Vaticano II define a liturgia como “exercício do múnus sacerdotal de Jesus Cristo... obra de Cristo sacerdote e de seu Corpo que é a Igreja”.<sup>208</sup> Deste modo, o sujeito integral da ação litúrgica é sempre a Igreja inteira, sem distinção, isto é, enquanto composta da cabeça e dos membros. Mas o sujeito último e transcendente é Cristo, que faz da Igreja o seu Corpo sacerdotal, estruturando-a como organismo composto de povo e de pastores, de comunidade e de hierarquia, de assembléia com presidência.<sup>209</sup>

A Igreja está realmente presente em todas as legítimas comunidades locais de fiéis presididos por seus pastores.<sup>210</sup> Porque, essas assembléias constituem, especialmente na celebração da Eucaristia, a “principal manifestação” da Igreja de Cristo.<sup>211</sup> O sujeito orante é sempre o “nós” eclesial, isto é, a Igreja, que dialoga com seu Senhor e invoca o Pai. Contudo, tendo descoberto o valor e a natureza da assembléia, como expressão viva da Igreja, sujeito ativo da liturgia, é necessário somar todos os esforços para alcançar uma “participação ativa, consciente e piedosa” na Oração eucarística, tanto por parte do seu presidente que a proclama em nome e na pessoa de Cristo, Cabeça e Servo, como também por parte de todos os fiéis que, junto com o presidente, formam a assembléia eucarística. Para isto, é preciso, pois, penetrar no sentido do rito sacramental e dos textos das Orações eucarísticas.

### **3.1. A Sacramentalidade da assembléia eucarística.**

Neste contexto celebrativo, tem um valor importante, o silêncio sagrado da assembléia litúrgica, durante a proclamação da Oração eucarística, como atitude de escuta, de interiorização e comunhão profunda com o mistério pascal do Senhor atualizado na celebração do Santo Sacrifício da Missa.

---

<sup>208</sup> SC n. 7.

<sup>209</sup> AUGÉ, Matias. *Liturgia. história - celebração – teologia - espiritualidade*. p. 74.

<sup>210</sup> Cf. LG n. 28.

<sup>211</sup> Cf. SC n.41.

É necessário, contudo, ajudar toda assembléia litúrgica a conseguir que a participação não se reduza apenas e simplesmente ao momento ritual, mas comprometa todos os membros da assembléia na sua existência eucarística, tendo presente que, em cada celebração eucarística atualiza-se o sacrifício de Cristo, e participar dele significa fazer-se presente com o próprio sacrifício espiritual.

A celebração da Eucaristia é uma presença renovadora no “hoje” da vida do cristão, porque em cada celebração participamos da Páscoa de Cristo. Assim, com Cristo, nós mesmos somos oferecidos ao Pai e nossa vida se santifica. Deste modo, ao participarmos da Oração eucarística, manifesta-se o valor de nosso oferecimento ao Pai, por meio de nossa participação na oferenda de Cristo.<sup>212</sup>

A assembléia, a comunidade reunida para celebrar, é a primeira realidade visível da liturgia cristã. Ela é um sinal sagrado, uma verdadeira epifania da Igreja, sacramento de salvação que exerce, assim, uma função sacerdotal em meio ao mundo e em favor de todos os homens.<sup>213</sup>

A assembléia é necessária à Igreja como momento de reconhecimento e edificação, porque nela a Igreja responde ao chamado do Senhor, escuta sua palavra e participa de atividades simbólicas que manifestam sua presença e sua ação. O “sujeito” próprio da Oração litúrgica não é o “eu”, mas o “nós” de toda a Igreja que se torna presente na assembléia litúrgica e que reúne muitos sujeitos numa oração comum. Daí, as Orações litúrgicas costumarem usar o plural: “bendizemos”, “rogamos”, “damos graças”.

Na assembléia litúrgica, a Igreja encontra sua forma concreta de localização, pela qual se reconhece como Igreja que existe num lugar determinado com um rosto próximo e

---

<sup>212</sup> Cf. ANGEL, Miguel D’Annibale. *A Celebração Eucarística*. In: CELAM. Manual de Liturgia III. A celebração do mistério pascal. CELAM. pp. 181-184.

<sup>213</sup> Cf. LG n. 1; SC nn. 2; 5; 26; GS n. 40.

familiar.<sup>214</sup> Porém, hoje, a mobilidade do povo cristão e a existência de celebrações litúrgicas não vinculadas a comunidades particulares tornam possível a reunião de assembleias litúrgicas que não se relacionam com uma comunidade estável. De toda maneira, é sempre por meio de uma assembleia que está em contato e comunhão com a Igreja e se consolida a pertinência a ela.

### **3.2. Fundamentação Bíblica da assembleia litúrgica**

A assembleia cristã foi prefigurada nas assembleias cultuais de Israel que aconteceram no deserto, na chegada da terra prometida e depois do exílio a celebração de renovação da aliança.<sup>215</sup> Já no Antigo Testamento, ocorreram de modo muito significativo as grandes assembleias do povo da antiga Aliança, escutando a Palavra de Deus, dirigindo-lhes sua oração e celebrando os gestos simbólicos da Aliança. Eles se sentiam o povo convocado por *Iahweh*, o *qahal Iahweh*.

No Novo Testamento, imediatamente depois da glorificação de Jesus e da efusão do Espírito Santo em Pentecostes<sup>216</sup>, a convocatória se produz em torno de Cristo Jesus e é denominada, sobretudo Igreja, *ekklesia*, povo convocado e congregado.

Desde a primeira geração, a assembleia litúrgica é uma realidade importante no conjunto da vida cristã, embora, já desde muito cedo, fosse preciso recordar e animar os mais preguiçosos.

Em sua configuração inicial, desempenha um papel decisivo a experiência pascal e eucarística refletida nos relatos das aparições de Cristo ressuscitado mas, com o tempo, cada

---

<sup>214</sup> Cf. LG n. 26.

<sup>215</sup> Cf. Ex 19-24; Js 24; Ne 8-9.

<sup>216</sup> Cf. At 2, 42-47; 4, 32-35; 5, 12-16.

assembléia assume o seu rosto próprio como a Igreja de Jerusalém, de Antioquia, de Trôade e de Corinto.<sup>217</sup>

No decorrer dos séculos, a Igreja nunca deixou de reunir-se para celebrar o mistério pascal.<sup>218</sup> O povo sacerdotal, comunidade de batizados, reúne-se, convocado por Deus para celebrar o mistério da nova Aliança, sempre com a convicção da presença, invisível, mas real, de seu Senhor, Cristo Jesus, que prometeu: “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou no meio deles”.<sup>219</sup> A assembléia é o lugar preferencial da presença do Senhor.

Na celebração litúrgica, toda a assembléia é participante, cada um segundo sua função.<sup>220</sup> É a assembléia que celebra com Cristo, o celebrante principal, o único pontífice máximo e o único mediador em cuja pessoa os ministros ordenados atuam. Por isso, “ninguém pode assistir à liturgia como estranhos e mudos espectadores”.<sup>221</sup>

Na assembléia litúrgica, todos são atores e protagonistas: oram, cantam, escutam, intercedem, dão graças, apresentam os dons etc. Estão todos convidados a participação plena, consciente e ativa nas celebrações litúrgicas. Essa participação é uma exigência que tem dupla proveniência: a) da própria natureza da liturgia, que é participação eclesial no mistério salvador de Cristo e b) da identidade do povo cristão, que, por seu sacerdócio comum, recebido no Batismo, associa-se ao sacerdócio de Cristo e deve, portanto, participar da celebração dos mistérios.<sup>222</sup>

---

<sup>217</sup>Cf. Lc 24; Jo 20; At 1-6; At 13, 1-3; At 20, 7-11; 1Cor 11; 14.

<sup>218</sup> SC n. 6.

<sup>219</sup> MT 18,20.

<sup>220</sup> CIC n. 1188.

<sup>221</sup> SC n. 48.

<sup>222</sup> Cf. SC n. 14.

#### 4. A Participação Proclamativa do Presidente na Oração eucarística

Como já dissemos, a Oração eucarística é o “centro e ápice de toda a celebração. É “oração de ação de graças e de consagração”, uma oração que o sacerdote, tendo convidado o povo a associar-se a ele,

dirige a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo, em nome de toda a comunidade. Insiste-se que o sentido desta Oração é que toda a assembléia uma-se com Cristo, na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício. Por isso, a Oração eucarística exige que todos a escutem respeitosamente e em silêncio.<sup>223</sup>

O presidente proclama a Oração eucarística pela comunidade e em nome da comunidade, ele que na assembléia litúrgica está fazendo às vezes de Cristo e que para isto foi designado por meio do ministério sacerdotal ordenado com um sacramento que o configura com Cristo, Cabeça e Pastor e foi designado pela própria Igreja, como presidente desta celebração. Por isso, atua *in persona Christi*. Ele é o sinal e o condutor que assegura que a comunidade não se reúna por iniciativa própria, mas que o faça como resposta a um convite de Cristo, que atua em estreita relação com ele. Deste modo faz-se necessário que o presidente da Oração eucarística, proclame-a de forma plena, ativa, consciente e com toda a inteireza do seu ser.

A função de presidir a Oração eucarística, como já foi dito mais de uma vez, é do ministro ordenado, isto é, do bispo e do presbítero.<sup>224</sup> Em todo caso, trata-se de verdadeiras “diaconias” ou serviços realizados à imagem de Cristo, “que não veio para ser servido, mas para servir”<sup>225</sup> e em nome e a serviço de toda a Igreja.

---

<sup>223</sup> IGMR n. 78.

<sup>224</sup> Cf. CARLOS, Juan Spera; RUSSO, Roberto. *A Assembléia Celebrante*. In: CELAM. Manual de Liturgia II: A celebração do mistério pascal. CELAM. pp. 120-127.

<sup>225</sup> Mt 20,28; Lc 22,27.

O ministro ordenado, atuando *in persona Christi*, desempenha sua função, unido à Igreja e “em nome de todo o povo santo”,<sup>226</sup> isto é, *in nomine Ecclesiae*, não no sentido de pôr-se no lugar da Igreja ou simplesmente de receber sua delegação, derivada da comunidade, mas no sentido de que deve atuar como sinal e instrumento no qual e mediante o qual a Igreja se faz presente de modo efetivo e atualiza a comunicação da salvação.

O presidente que proclama a Oração eucarística na assembléia litúrgica é servo da comunidade: não está “sobre” ela nem “fora” dela, mas “dentro”, como representante de Cristo e membro da assembléia. Dessa maneira, sua ação é de certa forma, recapituladora da ação da assembléia celebrante. Deste modo, o presidente presta um duplo serviço: a Cristo e à assembléia. O sacerdote ordenado é membro e representante do corpo da assembléia ao mesmo tempo em que é sinal de sua Cabeça: Cristo. Neste sentido, verifica-se uma dupla relação, pois, que dá sentido ao ministério da presidência da Oração eucarística, de um modo complementar e inseparável; aquele que preside está estritamente unido a Cristo (*in persona Christi*), e, ao mesmo tempo, intimamente unido à assembléia (*in nomine Ecclesiae*). Estas duas dimensões: cristológica e eclesiológica do ministério da presidência da Oração eucarística estão sintetizadas e harmoniosamente relacionadas na *Sacrosanctum Concilium* quando diz: “Sobretudo, as orações que a Deus são dirigidas pelo sacerdote, que preside a comunidade na pessoa de Cristo, são rezadas em nome de todo o povo santo e de todos os presentes”.<sup>227</sup>

Uma celebração litúrgica, dessa maneira, não será pastoralmente eficaz se o presidente não tiver adquirido a “arte de presidir”, isto é, de guiar e animar a assembléia litúrgica do povo de Deus, tendo presente, sobretudo, a celebração eucarística.

---

<sup>226</sup> SC n. 33b.

<sup>227</sup> Cf. SC n. 33.

Compete, pois, exclusivamente ao presidente pronunciar em nome da Igreja e da assembléia celebrante a Oração eucarística. É a partir de uma eclesiologia eucarística que podemos atribuir a presidência normal da Eucaristia ao bispo.<sup>228</sup> Deste modo, a constituição dogmática *Lumen Gentium* diz: “Toda celebração legítima da Eucaristia é dirigida pelo bispo, pessoalmente ou através dos presbíteros, seus auxiliares”.<sup>229</sup> Isto não quer dizer que a Oração eucarística seja dele: é de toda a comunidade e todos devem poder escutá-la, nas melhores condições. Todavia, “a Oração eucarística é proclamada por aquele que representa a Cristo e é cabeça da comunidade inteira. Aceitar esta presidencialidade da Oração eucarística é aceitar a estrutura teológica da Igreja e da própria celebração eucarística”.<sup>230</sup> Na perspectiva da participação da assembléia litúrgica na Oração eucarística, é decisiva a participação proclamativa do presidente que foi constituído para estar à frente, antes de tudo, deve estar consciente e agir como membro da assembléia celebrante, exercer sua função presidencial em favor do todo celebrativo de uma assembléia organizada.

#### **4.1 A Importância de proclamar bem a Oração eucarística**

A autêntica proclamação da Oração eucarística ajudará todos os membros da assembléia litúrgica a penetrar com maior consciência no mistério eucarístico. Com efeito, pois, é toda a Igreja, unida a Cristo, que celebra, ou seja, o povo santo, o povo cristão, geração escolhida, sacerdócio real, gente santa, povo de conquista. A Eucaristia pertence a todo o corpo da igreja e o manifesta e o afeta.<sup>231</sup>

---

<sup>228</sup>Cf. Justino, I Apol. 65 e 67; *Concilium* 71 [1972/1]. pp. 18-27.

<sup>229</sup> IGMR n. 92.

<sup>230</sup> Cf. ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. pp. 439-440.

<sup>231</sup> Cf. IGMR n. 91.

Até o século II, esta Oração não era escrita e constituía a originalidade de cada celebração. Santo Hipólito de Roma é quem fixa o primeiro esquema dos elementos essenciais de que deve constar a Oração eucarística.<sup>232</sup>

#### **4.2. Autenticidade interior e exterior do presidente da Oração eucarística**

As atitudes espirituais que devem acompanhar esta atuação do presidente na Oração eucarística são muito relevantes.<sup>233</sup> O presidente deve sentir-se servidor de Deus e do povo e, por isso, deve exercer seu ministério com dignidade e humildade, de tal forma que sugira a presença viva de Cristo atuando sacramentalmente por meio dele.<sup>234</sup>

Além disso, faz-se necessário também que o presidente tenha fruição das modalidades concretas e as características peculiares da expressão verbal e gestual própria do agir ritual. A autêntica participação proclamativa requer dele a comunhão com Deus e com os irmãos. A gesticulação e o tom de voz mais autênticas vêm do coração, e o estilo mais eficaz é o que encarna uma “presença” do Ressuscitado vivo entre os seus.

Esta é uma tarefa nada fácil, já que exige, de um lado, profunda conversão evangélica e sincero espírito de fé e de serviço, e, do outro, uma familiaridade com os sinais da liturgia obtida por meio do estudo, da meditação e, sobretudo, da oração.

Todas estas atitudes não se improvisam e jamais podem ser substituídas pela simples competência técnica. Daí, a necessidade de uma preparação espiritual profunda, um estilo acolhedor, empático e simpático, criativo, comunicativo e expressivo.

Todos estes gestos simbólicos e espirituais realizados com singeleza, elegância expressam a atitude espiritual, interior do coração de quem preside e terá sua influência em

---

<sup>232</sup>Cf. Pastoral dos Sacramentos da Iniciação Cristã – *Pastoral da Eucaristia*. In: *Eucaristia: teologia e celebração*. LELO, Antonio Francisco (org). pp. 501-502.

<sup>233</sup> Cf. IGMR n. 93.

<sup>234</sup> Cf. CHILE DE PEDRO, Aquino. *El Arte de Presidir la Celebración*. In: *Phase* 172. pp. 317-320.

toda a assembléia que celebra. Eis, portanto, a verdadeira natureza da participação proclamativa na Oração eucarística, da qual depende a participação dos fiéis que constituem a assembléia eucarística.

### **4.3. O Presidente: um mistagogo da Eucaristia**

Diante de tudo o que foi dito sobre o papel e os quesitos para uma presidência autêntica da Oração eucarística, tem lógica afirmar que o presidente é um mistagogo (aquele que conduz ao mistério) da Oração eucarística. Para tanto, ele mesmo precisa de uma profunda inserção no mistério pascal de Cristo, que conforme sua vida ao mistério celebrado, conforme as palavras que o Bispo pronuncia na liturgia da Ordenação: “Recebe a oferenda do povo santo para apresentares a Deus. Toma consciência do que virás a fazer; imita o que virás a realizar, e conforma a tua vida com o mistério da Cruz do Senhor”.<sup>235</sup>

Para conferir à sua existência, uma forma eucarística cada vez mais perfeita, o sacerdote deve reservar já no período de formação e depois nos anos sucessivos, amplo espaço para a vida espiritual. É chamado a ser continuamente um autêntico perscrutador de Deus. Uma vida mais intensa permitir-lhe-á entrar mais profundamente em comunhão com o Senhor, tornando-se sua testemunha em todas as circunstâncias mesmo difíceis e obscuras.<sup>236</sup>

Vale recordar aqui, isto porque, os sacerdotes são os primeiros agentes de uma autêntica renovação da vida cristã no povo de Deus.. Se o sacerdote fizer de Deus o fundamento e o centro de sua vida, então experimentará a alegria e a fecundidade da sua vocação.

O sacerdote deve ser antes de tudo um “homem de Deus” (1Tm 6,11), que conhece a Deus ‘em primeira mão’, que cultiva uma profunda amizade pessoal com Jesus e que compartilha os “sentimentos de Jesus” (Fl 2,5). Somente assim o sacerdote será capaz de levar Deus – o Deus encarnado em Jesus Cristo – aos homens, e de ser representante do seu amor.

Para cumprir a sua altíssima missão deve possuir uma sólida estrutura espiritual e viver toda a existência, animado pela fé, pela esperança e a caridade. Tem de ser como Jesus, um homem que procura, através da oração, o rosto e a vontade de Deus,

---

<sup>235</sup> Pontifical Romano – Ordenação do Bispo, dos Presbíteros e Diáconos: Rito da Ordenação do Presbítero, n.º. 150.

<sup>236</sup> EAPSSC n. 80.

cultivando igualmente sua preparação cultural e intelectual.<sup>237</sup> (Bento XVI. Discurso Inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe).

É importante recordar também aqui, A espiritualidade sacerdotal que brota da mistagogia eucarística é guiada pelas palavras da instituição da Eucaristia pronunciadas diariamente ‘*in persona Christi*’; vivendo a espiritualidade que delas emanam, tornando-as não apenas ‘fórmulas de consagrar’ mas ‘fórmulas de vida’, dando uma ‘forma eucarística a toda a existência sacerdotal. Como também, uma vida “agradecida”, cultivando um espírito constantemente agradecido por todos os dons recebidos, pelo dom da fé, da qual somos arautos, pelo dom do sacerdócio que nos consagra ao serviço de Cristo e da Igreja.<sup>238</sup> (João Paulo II. Carta aos Sacerdotes)

Continuando com a mistagogia sobre as palavras da consagração, João Paulo II ainda nos ensina: “Uma vida ‘doada’ a partir da auto-doação de Cristo que disse: “Tomai e comei... Tomai e bebei...”, daí emana uma doação total iniciada na vida trinitária de Deus-Amor, completada no sacrifício da Cruz e antecipada sacramentalmente na última Ceia.

O presidente da Oração eucarística é convidado a se comprometer existencialmente nesta dinâmica pascal das palavras da consagração que deve transformar-se num verdadeiro programa de vida, dizendo de si mesmo “tomai e comei”, fazendo-se dom para os outros, colocando-se à disposição da comunidade e ao serviço de qualquer pessoa necessitada; como fez Jesus lavando os pés dos apóstolos.<sup>239</sup>

O povo de Deus, desse mesmo modo, espera isto de todos o que presidem a santa Eucaristia, para que realizem na própria vida o “tomai e comei” de Cristo. Desta profunda participação na oração eucarística, o presidente que a proclama com a inteireza de seu ser sacerdotal transforma-se em arauto privilegiado da salvação, fazendo-se tudo para todos, para salvar alguns a todo custo, porque a sua vida foi salva para salvar.

---

<sup>237</sup> BENTO XVI. *Discurso Inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. In: Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. (13 de maio de 2007). pp. 280-281.

<sup>238</sup> JOÃO PAULO II. *Carta aos Sacerdotes por ocasião da Quinta-Feira Santa de 2005*. In: Encarte da CNBB n. 766 de 24 de março de 2005.

<sup>239</sup> Idem.

A mistagogia eucarística conduz o presidente a uma verdadeira participação na proclamação da Oração eucarística que vai além da realização do rito, e faz dele um autêntico mistagogo da Eucaristia. Desta mistagogia surge também, uma vida “evocativa” que não recorda simplesmente um fato passado, mas recorda a pessoa do próprio Jesus que disse: “Fazei isto em memória de mim”. Por isso o presidente, ao proclamar as palavras do memorial, desenvolve uma “espiritualidade da memória” que o compromete a ser homem com a memória fiel de Cristo e de todo o seu mistério.<sup>240</sup>

Prosseguindo com esta mistagogia das palavras da instituição da Eucaristia, João Paulo II nos ensina que o presidente da Oração eucarística tem uma vida “consagrada” para ser guardião deste sacrossanto mistério. É dele que deriva a exigência de uma vida “sagrada”, santa e um santo modo de celebrar. Surge ainda desta mistagogia uma vida “voltada para Cristo”, de um anseio profundo, pleno e definitivo de comunhão com o Senhor.

Desta fonte eucarística o presidente se alimenta para manifestar a verdadeira “caridade pastoral” no meio do povo de Deus, orientando o seu caminho e nutrindo a sua esperança, contagiando os fiéis para que participem com plena comunicação de fé e de amor do mistério eucarístico.<sup>241</sup>

Por fim, não podemos esquecer de ressaltar a necessidade e a exigência de uma profunda formação teológico-litúrgica dos ministros ordenados, para que compreendam a riqueza e a natureza da Oração eucarística. Por ser muitas vezes pouco compreendida, a Oração eucarística é feita com pressa, sem convicção, sem alegria e espírito de gratidão.

---

<sup>240</sup> Idem.

<sup>241</sup> Idem.

## **5. A participação dos fiéis no ministério da Oração eucarística**

Vamos agora abordar a participação dos fiéis nesta Oração, como um direito e um dever que brotam da condição de povo sacerdotal, levando em consideração que a assembléia litúrgica, embora seja toda ministerial, na Oração eucarística, o presidente é quem exerce o seu múnus ministerial, enquanto que o restante da assembléia participa em comunhão com ele. Apesar do papel importante da presidência, a assembléia litúrgica e o ministro presidente se completam mutuamente: o ministro que preside em nome de Cristo completa a comunidade, tornando-a realização sacramental de toda a Igreja, e ao mesmo tempo é completado por ela, porque não atua sozinho, mas com ela e para ela. O respeito à presidência se manifesta também por meio da comunhão com ele, pois, “cada qual, ministros e fiéis, no desempenho de sua função, façam somente aquilo e, tudo aquilo que convém à natureza da ação, e de acordo com as normas litúrgicas”,<sup>242</sup> “interessando a cada um dos membros de maneira diversa, segundo a variedade das ordens, das funções e da participação efetiva”.<sup>243</sup>

### **5.1. A participação plena e ativa dos fiéis na Oração eucarística**

Como vimos, a participação litúrgica plena é interna e externa. Vimos também que a participação interna é a fonte do movimento que gera a participação externa. Esta se manifesta na Oração eucarística, além de toda a postura corporal, nas respostas do diálogo inicial que abre o prefácio; na aclamação da assembléia ao Pai (“Santo, Santo, Santo...”). Esta aclamação é pronunciada, ou cantada por todo o povo com o presidente, pela salvação que se anuncia e se realiza na Oração eucarística.

---

<sup>242</sup> SC n. 28.

<sup>243</sup> SC n. 26.

Em seguida a assembléia participa da aclamação a Cristo em seu mistério pascal (“Anunciamos, Senhor, Vossa morte e proclamamos Vossa ressurreição. Vinde Senhor Jesus”, etc.). Esta aclamação da assembléia é uma resposta ao convite do presidente para louvar o mistério da redenção que acaba de atualizar-se no pão e no vinho consagrados.

O Missal Romano propõe três fórmulas cujo conteúdo faz referência à morte e ressurreição do Senhor. É muito conveniente que esta aclamação seja cantada para exprimir melhor seu sentido. A aclamação final – Amém é proclamada por toda a assembléia com um hino de glorificação ao Pai, no Filho e Espírito Santo.<sup>244</sup>

No Missal Romano brasileiro temos as intervenções da assembléia em todas as Orações eucarísticas, as quais exigem que todos as escutem com reverência e em silêncio a proclamação feita pelo presidente que a proclama no seu todo, porém, para que haja uma participação plena e ativa por parte de todos os fiéis por meio das aclamações previstas no próprio rito da Oração eucarística, temos ainda no Brasil, as outras aclamações que constituem uma forma de participação ativa da comunidade na grande Oração eucarística. Convém valorizar tais aclamações conforme a índole do povo.<sup>245</sup>

Para intensificar essa participação ativa do povo, as aclamações sejam de, preferência, cantadas e oportunamente acompanhadas de gestos. Convém que se valorize da melhor maneira possível, em particular o Amém conclusivo da Oração eucarística, enfatizando-o através do canto, da repetição ou de outro modo.<sup>246</sup>

Para que aconteça esta participação desejada e promovida pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, é preciso que os fiéis ”sejam instruídos pela Palavra de Deus; dêem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, e não só

---

<sup>244</sup> ANGEL, Miguel D’Annibale. *A Celebração da Eucaristia*. In: CELAM. Manual de Liturgia III. A celebração do mistério pascal. CELAM. pp. 152-155.

<sup>245</sup> Cf. IGMR n. 386.

<sup>246</sup> CNBB. *Animação da Vida Litúrgica no Brasil*. (Documento da CNBB n. 43). n.304.

pelas mãos dele; a hóstia imaculada; que, dia após dia, por Cristo mediador, progredam na unidade com Deus e entre si.”<sup>247</sup>

Porém, como já foi dito, a participação ativa dos fiéis na oração eucarística exige

algumas condições pessoais de cada um, para uma frutuosa participação. Uma delas é, sem dúvida, o espírito de constante conversão que deve caracterizar a vida de todos os fiéis: não podendo esperar uma participação ativa na liturgia eucarística, se nos abeirarmos dela superficialmente e sem antes nos interrogarmos sobre a própria vida. Favorecem tal disposição interior, o recolhimento e o silêncio; o jejum; a confissão sacramental; um coração reconciliado com Deus predispõe para a verdadeira participação... como também, uma participação ativa na vida eclesial em toda a sua amplitude, incluindo o compromisso missionário de levar o amor de Cristo para o meio da sociedade.<sup>248</sup>

Os fiéis “devem cultivar o desejo de ver a Eucaristia influir cada vez mais profundamente na sua existência cotidiana, levando-os a serem testemunhas reconhecidas como tais, no próprio ambiente de trabalho e na sociedade inteira”.<sup>249</sup> Esta participação frutuosa dos fiéis na Oração eucarística tem como consequência uma vida eucarística de amor, doação e serviço na Igreja e no coração do mundo.

O que podemos dizer desta participação que vimos até agora nesta dissertação é que a autêntica participação traz consigo algumas exigências na linha de uma abertura pessoal para o mistério celebrado. Toda a participação ativa, autêntica, plena e consciente, só terá e encontrará sua validade total, se houver por parte de quem preside e da assembléia, uma conversão à pessoa de Jesus Cristo, o Ressuscitado, aquele que nos convoca e nos une e reúne em assembléia celebrativa. Como consequência a missão, o compromisso, o apostolado e o testemunho de uma vida eucarística que atualiza no mundo a redenção de Cristo na Oração eucarística.

A autêntica participação na Oração eucarística imprime uma “forma eucarística na existência cristã” dos fiéis dando um dinamismo novo que os compromete a ser testemunhas

---

<sup>247</sup> EAPSSC n. 52.

<sup>248</sup> EAPSSC n. 55.

<sup>249</sup> EAPSSC n. 79.

do dom que Deus os concedeu em Cristo”.<sup>250</sup> A participação dos fiéis consiste em grau máximo no oferecimento total de si mesmo em união com toda a Igreja. “Significa uma vida totalmente renovada: “Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus”.<sup>251</sup>

A vida de Cristo que alimenta a nossa oferenda pela Eucaristia torna-nos semelhantes a ele e disponíveis para os outros, na unidade de um só Corpo e um só Espírito. Ele transforma a comunidade num templo vivo de Deus para o culto da Nova Aliança. É o vosso próprio mistério que colocais para vós na mesa do Senhor; é o vosso mistério que o recebeis. É a afirmação daquilo que sois (o Corpo de Cristo) ao qual respondeis: ‘Amém’, e a vossa resposta é como que a vossa assinatura.<sup>252</sup>

Eis o sacrifício dos cristãos: serem todos um só Corpo de Jesus Cristo. É o mistério que a Igreja celebra no sacramento do altar, onde aprende a oferecer-se a si mesma na oblação que faz a Deus.” Eis, portanto, o sentido mais profundo da participação dos fiéis na Oração eucarística, segundo a recomendação da *Sacrosanctum Concilium*, em relação à autêntica participação dos fiéis na liturgia.<sup>253</sup>

## 5.2 Formação litúrgica dos fiéis

Para atingir o cerne de tal participação, faz-se necessário colocar em prática os meios que a tornam possível: a formação litúrgica para todos os membros e categorias do povo de Deus;<sup>254</sup> a catequese mistagógica;<sup>255</sup> a homilia;<sup>256</sup> os cantos e as respostas da assembléia litúrgica, os gestos e posturas corporais do presidente, o silêncio sagrado.<sup>257</sup>

Tudo isto revela a preocupação da Igreja com a participação dos fiéis na liturgia de modo geral e, especialmente podemos aplicar à participação dos fiéis na oração eucarística.

---

<sup>250</sup> EAPSSC n. 86.

<sup>251</sup> I Cor 10,31.

<sup>252</sup> Documento Teológico de Base para o Congresso Eucarístico Internacional de Quebec – Canadá- 2008.

*A Eucaristia: Dom de Deus para a Vida do Mundo.* pp. 40-41.

<sup>253</sup> EAPSSC n.64.

<sup>254</sup> SC nn.14; 19.

<sup>255</sup> SC n. 35,3.

<sup>256</sup> SC nn. 2; 52; DV n. 25; PO n.4.

<sup>257</sup> SC n. 30.

Para concluir esta abordagem da participação dos fiéis na oração eucarística, à qual eles têm direitos e deveres, vale recordar ainda, o que nos diz a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* a respeito da celebração interiormente participada recomendada com insistência a necessidade de retornar a catequese mistagógica:

A grande tradição litúrgica da Igreja ensina-nos que é necessário para uma frutuosa participação, esforça-se por corresponder pessoalmente ao mistério que é celebrado através do oferecimento a Deus da própria vida em união com o sacrifício de Cristo pela salvação do mundo inteiro... Por esse motivo, o Sínodo dos bispos recomendou que se fomentasse nos fiéis, profunda concordância das disposições interiores com os gestos e palavras. Assim é preciso promover uma educação da fé eucarística que predisponha os fiéis a viverem pessoalmente o que se celebra.<sup>258</sup>

Todos os que participam de uma assembléia litúrgica, devem estar conscientes de sua dependência em relação a Cristo, ou melhor, de sua inserção no mistério pascal que começou com o Batismo e chegou à plenitude, com a participação no banquete eucarístico.

A condição necessária para se alcançar esta meta da mistagogia eucarística é dispor de ministros mistagogos que introduzam os fiéis nos mistérios celebrados com profunda fé e autenticidade. Para que cada participante da oração eucarística, de acordo com a sua condição no seio do povo sacerdotal, “viva e exprima a consciência de encontrar-se, em cada celebração eucarística, diante da majestade infinita de Deus, que chega até nós humildemente nos sinais sacramentais.”<sup>259</sup>

---

<sup>258</sup> EAPSSC n. 64.

<sup>259</sup> EAPSSC n. 65.

## CONCLUSÃO

Esta dissertação propôs-se aprofundar a natureza da Oração eucarística, e o sentido da participação da assembléia litúrgica neste momento mais profundo de comunhão com o ‘mistério eucarístico’, que sintetiza toda a fé da Igreja. A quarta Oração eucarística exprime de forma modelar toda a história da salvação consumada no mistério pascal de Cristo, que se atualiza na Oração eucarística, ‘cume e centro de toda a celebração’.

A participação litúrgica neste momento central da Santa Missa nos faz penetrar misticamente no coração do sacrifício pascal do Senhor, que se torna presente cada vez que celebramos o memorial da última ceia e do sacrifício da cruz. Participar de forma ‘consciente, ativa e plena’ da Oração eucarística em geral, e da quarta Oração eucarística de modo privilegiado, é o sustento espiritual para toda a vida cristã.

O fruto principal da autêntica participação do presidente e de todos os membros da assembléia sacerdotal é a salvação e a redenção do Cristo, acontecendo no hoje da Igreja celebrante.

Ao longo de toda a dissertação, tentamos mostrar que a natureza da autêntica participação na Oração eucarística, consiste numa profunda experiência mística de comunhão com o mistério pascal de Cristo, que recapitula e concentra toda a história da salvação. ‘O mistério eucarístico, celebrado, acreditado e vivido’ é a redenção e a santificação plena para todos os participantes do banquete pascal do Senhor.

Deste modo, ficou evidente que a participação mistagógica na quarta oração eucarística representa a plenitude da inserção no mistério do Deus Uno e Trino de Amor, que continua se entregando a nós como alimento de vida e salvação.

Para atingirmos esta inserção no mistério pascal celebrado e atualizado sacramentalmente na quarta Oração eucarística que recapitula toda a obra salvífica realizada na morte e ressurreição de Cristo, acreditamos que o caminho mais propício é o método mistagógico para auscultar o sentido profundo da participação no mistério eucarístico e chegar a uma verdadeira cristificação.

Apontamos como meta para a ciência litúrgica, a abordagem mistagógica como caminho privilegiado para se poder adentrar misticamente na eucaristia, e “dar uma forma eucarística a toda a vida cristã”!

É preciso continuar investindo na qualidade da formação teológico-espiritual e litúrgica do presidente da Oração eucarística que atua em nome de Cristo-Cabeça da assembléia sacerdotal neste momento sublime da celebração.

Contudo, não devemos esquecer também de cuidar com mais empenho da formação e espiritualidade de todos os membros do povo sacerdotal, que tem o direito e o dever de celebrar à altura do que significa a participação na solene oração de louvor, ação de graças e santificação.

Faz-se mister, portanto, que o presidente da Oração eucarística seja cada vez mais um autêntico mistagogo da Eucaristia, capaz de conduzir toda à assembléia litúrgica para dentro do mistério do Senhor presente na mesa do banquete eucarístico. Assim, conduzidos pela própria força do mistério celebrado e presente no rito, urge redescobrir cada vez mais na Oração eucarística toda a teologia e espiritualidade que nutre e impulsiona uma vida eucarística de amor e entrega generosa pela salvação do mundo.

De fato, é no mistério eucarístico ‘acreditado, celebrado e vivido’, que se encontra toda a força espiritual para a missão de testemunhar a doação e a entrega da própria vida como oblação e sacrifício de amor.

Enfim, procuramos mostrar a sacramentalidade da proclamação da Oração eucarística feita de forma expressiva, com especial esmero e unção espiritual, não simplesmente recitadas às

pressas; por ela a assembléia celebrante dá graças pela ação amorosa de Deus em favor do seu povo sacerdotal.

Podemos concluir que a autenticidade da participação proclamativa é, imprescindível para conduzir todos os fiéis a uma compreensão saborosa da Sagrada Eucaristia, pela ação do Espírito Santo que conduz toda assembléia litúrgica para uma comunhão fecunda com o mistério pascal do Senhor.

Esperamos, assim, ter cumprido o objetivo a que nos propusemos.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes e Documentos

*A Bíblia de Jerusalém*. Nova Edição Revista. São Paulo: Paulinas, 1985.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS.

*Ano da Eucaristia: Sugestões e Propostas*. São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. Instrução Geral sobre o Missal Romano. In: *As Introduções Gerais dos Livros Litúrgicos*, 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. Instrução Geral sobre o Missal Romano. In: *Oração Eucarística IV*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. Instrução *Redemptionis Sacramentum* sobre alguns aspectos que se deve observar e evitar acerca da Santíssima Eucaristia. São Paulo: Paulinas, 2004.

BENTO XVI. *Deus Caritas Est*: Carta Encíclica sobre o Amor Cristão. São Paulo: Paulus - Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. *Sacramentum Caritatis* Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Eucaristia, Fonte e Ápice da Vida e Missão da Igreja. São Paulo: Paulus, 2007.

CATECISMO da Igreja Católica. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 1999.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: VIER, Frederico (org.). *Compêndio do Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações*. 18º ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 260—306.

\_\_\_\_\_. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: VIER, Frederico (Org.). *Compêndio do Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações*. 18º ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 39—113.

\_\_\_\_\_. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo de hoje. In. VIER, Frederico (Org.). *Compêndio do Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações*. 18º ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 144 — 256.

\_\_\_\_\_. Decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre o ministério e a vida dos presbíteros. In. VIER, Frederico (Org.). *Compêndio do Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações*. 18º ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 440—482.

\_\_\_\_\_. Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a revelação divina. In. VIER, Frederico (Org.). *Compêndio do Concílio Ecumênico Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações*. 18º ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 122-139.

CNBB. *Animação da Vida Litúrgica no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1989. (Documentos da CNBB 43).

\_\_\_\_\_. Pastoral dos sacramentos da iniciação cristã e Pastoral da Eucaristia. In. LELO, Antonio Francisco (org.). *Eucaristia: Teologia e Celebração*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Documentos da CNBB, 2 e 3).

JOÃO PAULO II. *Carta apostólica «Dies Domini» sobre a santificação do domingo*. São Paulo: Loyola, 1998.

\_\_\_\_\_. Carta apostólica *«Mane Nobiscum Domine»* para o Ano da Eucaristia. São Paulo: Paulus - Loyola, 2004.

\_\_\_\_\_. Carta apostólica *«Millennio Ineunte»* no início do Novo Milênio. São Paulo: Paulinas, 2001.

\_\_\_\_\_. Carta encíclica *«Ecclesia de Eucharistia»* sobre a eucaristia e sua relação com a Igreja. São Paulo, Paulina, 2003.

\_\_\_\_\_. *Carta aos Sacerdotes* por ocasião da Quarta-Feira Santa de 2005. In: Encarte da CNBB, nº 766.

PAULO VI. Carta encíclica «*Mysterium Fidei*» sobre o culto da Sagrada Eucaristia. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1966.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS. Instrução *Eucharisticum Mysterium* sobre o culto do Mistério Eucarístico. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 1967.

## LIVROS

ALDAZÁBAL, José. A Eucaristia. In: BOROBIO, Dionísio (Org.). *A Celebração na Igreja*, São Paulo: Loyola, 1993, v. 2: Sacramentos.

\_\_\_\_\_. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002,

\_\_\_\_\_. *Gestos e Símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005.

ANGEL, Miguel. A Celebração Eucarística. In: CELAM. *Manual de Liturgia III. A Celebração do mistério pascal*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 122—185.

ARGÁRATE, Pablo. A Igreja Celebra Jesus: *Introdução à Celebração Litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 1997.

AUGÉ, Matias. *Liturgia*. História – Celebração – Teologia - Espiritualidade. 2ª ed. São Paulo: Ave Maria, 2004.

BECKHÄUSER, Alberto. *Novas mudanças na missa*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOROBIO, Dionísio (org). *A Celebração na Igreja*. Vol. 3. Rítmos e Tempos de Celebração. São Paulo: Loyola, 2000.

BUYST, Ione. Eis o Mistério da Fé. A eucaristia como Sacramento Pascal. In: CNBB. *A Eucaristia na vida da Igreja*. Estudos nº 89. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2005, p. 25—41.

BROVELLI, F. Prece Eucarística. In: SARTORE, Domenico e TRIACCA, Achile M. (Org.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 937—945.

CARLOS, Juan Spera e RUSSO, Roberto. Assembléia Celebrante. In: CELAM. *Manual de Liturgia II. A celebração do mistério pascal*: Fundamentos teológicos e elementos constitutivos. São Paulo: Paulus, 2005, p. 112—140.

COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. *Eucaristia, Sacramento de Vida Nova*. São Paulo: Paulinas, 1999.

COSTA, Paulo Cezar (Org). *Sacramento e Evangelização*. São Paulo: Loyola, 2004.

COSTA, Valeriano Santos. *Viver a Ritualidade Litúrgica como Momento Histórico da Salvação*. Participação Litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium. São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *Celebrar a Eucaristia*. Tempo de restaurar a vida. São Paulo: Paulinas, 2006.

DE CLERK, Paul. A Celebração Eucarística: seu sentido e sua dinâmica. In: BROUARD, Maurício (Org.). *Eucharistia*. Enciclopédia da Eucaristia. São Paulo: Paulus, 2006, p. 433 a 454.

DÍAZ, Manuel Mateos. *O Sacramento do Pão*. São Paulo: Loyola, 2004.

CELAM. *Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus - Paulinas, 2007.

DURRWELL, François Xavier. *A Eucaristia*. Presença de Cristo. São Paulo: Paulinas, 1976.

FLORES, Juan Javier. *Introdução à Teologia Litúrgica*. São Paulo: Paulinas, 2006.

FRANCISCO, Antonio Lelo (Org). *Eucaristia*. Teologia e Celebração. São Paulo: Paulinas, 2006.

GAITAN, J. D. Alegria. In: BORRIELO, L. et al. *Dicionário de mística*. São Paulo: Loyola-Paulus, 2003, p. 29 a 30.

GIRAUDO, Cesare. *Num Só Corpo*. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. *Redescobrimo a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.

- GRÜN, Anselm. *Eucaristia Transformação e União*. São Paulo: Loyola, 2006.
- LOPEZ, Martín Julián. *A Liturgia da Igreja*. Teologia, História, Espiritualidade e Pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006.
- KASPER, Walter. *O Sacramento da Unidade*. São Paulo: Loyola, 2006.
- LIMA JÚNIOR, Joviano, *A Eucaristia que Celebramos*. Explicação popular da missa. São Paulo: Paulinas, 1982.
- LOURDES, Maria Zavarez. *Liturgia em Mutirão*. Subsídios para a formação. Brasília: Edições CNBB, 2007.
- LUTZ, Gregório. *Celebrar em Espírito e Verdade*. Elementos de uma teologia litúrgica. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1997.
- MARC, Ouellet. *A Eucaristia*. Dom de Deus para a vida do Mundo. São Paulo: Paulus, 2007.
- MAZZA, Enrico. *Le Odiere Preguiere Eucharistique*. I struttura, fonti, teologia. Bologna, Itália: Edizioni Reboriani, 1984.
- MAZZAROLO, Isidro. *A Eucaristia*. Memorial da nova Aliança-continuidade e rupturas. São Paulo: Paulus, 1999.
- NOCENT, A. História da celebração da Eucaristia. in V.V.A.A. *A Eucaristia. Teologia e história da celebração*. (Anamnesis 3). São Paulo: Paulinas, 1986, 205-278
- SARTORI, Domenico e TRIACCA, Achille M.. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo – Lisboa: Paulinas - Paulistas, 1992.
- SILVA, José Ariovaldo da. A reforma “eucarística” do Concílio Vaticano II vista dentro do contexto histórico geral da liturgia. In: CNBB. *A Eucaristia na vida da Igreja*. Estudos nº 89. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2005, p. 9–22.

TABORDA, F. Fazei isto em meu memorial: a eucaristia como sacramento da unidade. In: CNBB. *A Eucaristia na vida da Igreja*. Estudos nº 89. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2005, p. 42–87.

### ARTIGOS DE REVISTA

BOROBIO, Dionísio. Ministério Sacerdotal, Ministério Laicales. In: *Revista Bilbao* (1982), p. 265.

CAPELLE, Bernard. Traveaux Liturgiques de doctrine et d’histoire. In: *La messe* (1962), p. 80–86.

CASEL, O. Le Memorial du Seigneur dans la liturgie del’antiquité Chétienne. In: *Coll. Lex Orandi* 2 (1945), p. 60–78.

CHILE DE PEDRO, Aquino. El Art de Presidir la Celebración. In: *Phase* 172. (1990), p. 317 –320.

GÉLINEAU, Joseph. La cuarta plegaria eucarística. In: *Phase* 71 (1996), p. 51– 88.

JOUNEL, Pierre. Lês Nouvelles Prières Eucharistiques. *La Maison-Dieu* 94 (1968), p. 1–22.

RODRIGO, Francisco. A Arte da Presidência Litúrgica. In: *Revista Recado* 213 (2005), p. 25–64

\_\_\_\_\_. Reforma litúrgica a partir do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sergio Lopes e BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 293–313.

TERRA, Pere. Assembléia e seu Presidente. In: *Concilium* 72 (1980), p. 162 –171.